

ALLAN KARDEC QUEIROZ DA NÓBREGA
LISSANDRA BERNARDO MARTINHO

PATRIMÔNIOS URBANOS
MONUMENTOS ESCULTÓRICOS DA ILHA DE SÃO VICENTE

SANTOS, NOVEMBRO

2007

ALLAN KARDEC QUEIROZ DA NÓBREGA
LISSANDRA BERNARDO MARTINHO

PATRIMÔNIOS URBANOS
MONUMENTOS ESCULTÓRICOS DA ILHA DE SÃO VICENTE

Relatório do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, Centro de Ciências da Comunicação e Artes, UniSantos, na categoria projeto experimental, modalidade ensaio fotográfico, sob a orientação do Prof. João Batista de Macedo Mendes Neto.

SANTOS, NOVEMBRO
2007

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
DESENVOLVIMENTO	
Objetivos	6
Problemática de pesquisa	8
Definições	9
Fontes, Procedimentos e Etapas	19
Fotografia e Antropologia	27
Fotografia e Arquitetura	31
Monumentos escultóricos de Santos	38
Monumentos escultóricos de São Vicente	47
Conclusões	55
Cronograma de atividades	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	63

1. APRESENTAÇÃO

Antes mesmo de aprender a falar, o homem já havia descoberto o poder da imagem para retratar o mundo que o cercava. As pinturas dos animais, das caçadas e dos atos do cotidiano pintados nas cavernas foram as primeiras maneiras de nossos ancestrais passarem aos seus semelhantes e às futuras gerações o que acontecia ao seu redor. Desde então, apenas os recursos tornaram-se mais avançados, tendo como ponto culminante a invenção da fotografia, na segunda metade do século XIX.

O “novo” meio representou uma revolução talvez maior que a invenção da escrita e da fala. Se esses últimos recursos tornaram o homem um ser único entre os outros da Terra, a fotografia nos fez sobre-humanos, pois deu-nos o dom da eternidade.

Uma foto consegue “captar” a essência de um momento, fazer com que pessoas, coisas, lugares que não existem mais, perpetuem seu legado, eternizem a nossa lembrança de que um dia eles estiveram por aqui. Daí advém seu valor como documento histórico.

Por meio da imagem, pode-se externar sentimentos que nenhuma palavra consegue exprimir com precisão. Ela não aprisiona a alma das pessoas, como acreditavam os indígenas, mas ela tem, sim, a capacidade de captar a essência do que foi fotografado.

Exatamente por acreditarmos nessa força, decidimos produzir esse ensaio fotográfico. Não pretendemos mostrar verdades absolutas sobre os locais aqui retratados, mas a nossa visão do que eles representam, que pode ou não coincidir com a de quem observar as fotos aqui expostas.

Nosso objetivo é fazer com que os bustos, as estátuas, as praças, enfim, Santos e São Vicente fiquem eternizados na memória do leitor. Que qualquer um que tiver acesso a essas imagens consiga entender e descobrir qual é a essência de ser santista ou vicentino e de como é importante preservar seu Patrimônio Cultural, esse que foi esculpido pelas mãos de seu semelhante. Se pelo menos conseguirmos chamar a atenção das pessoas que tenham nascido nessas duas cidades para que, ao folhear essas páginas, reavivem lembranças e redescubram esses grandes símbolos da cidade, teremos alcançado tal idéia. E, mais uma vez, a imagem terá mostrado seu poder.

Para isso, mostraremos por meio de diferentes ângulos e maneiras qual é a situação dos monumentos encontrados aqui e como eles são vistos, observados ou, muitas vezes, ignorados pela população destas duas cidades.

Para este trabalho, escolhemos o professor João Batista de Macedo Mendes Neto como orientador, já que nos deu as aulas de Fotografia no terceiro ano, ensinando todas as técnicas para o uso da máquina e a maneira de pensar a fotografia. Pretendemos usar todo esse aprendizado para mostrar os monumentos escultóricos da Ilha de São Vicente, sua relação com a população, seus significados, signos, influências, tudo isso por meio de um dos mais importantes instrumentos de informação: a imagem.

2. OBJETIVOS

Inicialmente, tínhamos como objetivo criar uma espécie de catálogo dos monumentos escultóricos, somente os construídos pelo poder público, de todos os municípios da Baixada Santista. Após analisar e obter junto às prefeituras das nove cidades da região a relação de todos os monumentos, percebemos que a quantidade de locais a serem visitados era incompatível com o prazo que tínhamos para produzir este ensaio. Além disso, dado o elevado custo de confecção de um livro de muitas páginas, tínhamos pouco espaço para produzir um trabalho que pudesse valorizar os detalhes de cada uma destas esculturas.

Até a primeira semana do mês de abril, obtivemos a relação dos monumentos existentes nas cidades de Santos, São Vicente e Guarujá. As prefeituras de Praia Grande, Cubatão, Bertioga, Mongaguá, Peruíbe e Itanhaém foram procuradas, mas não enviaram resposta até o prazo hábil para o início das tarefas práticas de nosso trabalho.

Nosso orientador, após ver os dados que tínhamos conseguido obter, nos sugeriu que enfocássemos apenas os monumentos da Ilha de São Vicente. Com isso, o ensaio passa a abranger apenas as partes insulares dos municípios de Santos e São Vicente, que concentram 118 monumentos no total, o que foi considerado por ele um número mais que suficiente para um bom ensaio.

Dentre os objetivos que tínhamos no início de nosso projeto, mantivemos a idéia de, com o ensaio, focar as belezas e denunciar o descaso e a depredação de alguns dos equipamentos existentes nestas duas cidades.

Outro fator que pesou na decisão de focar apenas Santos e São Vicente é o valor histórico que elas possuem, pois são dois dos municípios mais antigos do Brasil e muitos fatos relevantes para a história do País tiveram estes locais como cenário.

Retratamos também a relação dos habitantes da cidade e seus visitantes com essas obras, se as enxergam como parte importante do contexto urbano ou as caracterizam como algo acessório no dia a dia.

Porém, não entraremos em detalhes sobre a história de todos estes monumentos e explicar sua criação, até pelo fato de não estarmos fazendo uma monografia ou um outro tipo de estudo mais formal sobre estas obras. Uma das funções deste ensaio é de ser um despertar, um incentivo para que as pessoas busquem obter tal conhecimento. O

importante é que o leitor das fotos tire suas conclusões individuais sobre a mensagem impressa nas imagens fotográficas, que já são consideradas, em muitos estudos da antropologia, uma prova documental importante na pesquisa científica como justificativa de acontecimentos e no registro da evolução de hábitos da sociedade.

Adiantamos que muitos dos monumentos simbolizam passagens marcantes da história do Brasil e que foram construídos porque fazem parte da memória das cidades. Alguns monumentos da região possuem uma longa existência, caso do Comemorativo ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil, datado de 1900. Este, inclusive é o mais antigo entre as duas cidades, seguido pelo monumento em homenagem a Brás Cubas, inaugurado em 1908.

3. PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

Inicialmente, pretendíamos incluir fotos de todos os monumentos da Baixada Santista, mas revimos diversos fatores e decidimos restringir nosso foco à Ilha de São Vicente.

Tomamos essa medida pois, durante a nossa pesquisa bibliográfica, não encontramos livros fotográficos que retratam todos os monumentos de Santos ou de São Vicente. Localizamos obras que falam sobre uma determinada escultura (como o Monumento aos Andradas, em Santos) ou determinada cidade, mas não encontramos obras analíticas, com pretensões de acompanhar as mudanças que sofrem os patrimônios urbanos em sua permanência nas cidades.

O monumento é um patrimônio cultural representativo que pertence à nação e foi construído pelo homem, que se utilizou de outras ferramentas da natureza para recriar modelos de arte.

Esses bens culturais constituem um verdadeiro museu ao ar livre que atrai, ou, pelo menos, deveria atrair a população, fato que constatamos, ao longo de nosso trabalho, ser cada vez mais raro. A cidade é como um organismo, que se transforma sucessivas vezes para atender os problemas e necessidades da coletividade em permanente renovação. Infelizmente, o ambiente que costumamos ver no contexto urbano, em relação aos monumentos, é o da destruição ou o da falta de informação.

Por isso, a iniciativa de trabalhos como esse pode despertar este interesse em valorizar este verdadeiro patrimônio urbano e evitar o fim ou a nulidade destes equipamentos. Como um dos desafios do nosso trabalho é selecionar uma quantidade de fotos que identificamos cumprir esta mensagem, reunimos ao menos uma foto de cada monumento. Na maioria dos casos, temos uma imagem geral e outra detalhada.

4. DEFINIÇÕES

Para uma melhor compreensão do trabalho proposto, é preciso definir os termos principais que permeiam nossa proposta. Afinal, o que é ensaio? Pensar na resposta é fundamental para firmar a problemática e o objetivo principal: apresentar, por meio da fotografia, os monumentos escultóricos de Santos e São Vicente e a relação da população com estes equipamentos.

4.1. ENSAIO

O ensaio pode ser tanto literário, científico e fotográfico. Antes de analisar nosso instrumento de trabalho, é importante definir o que é ensaio em suas várias vertentes.

De acordo com Larousse (1997, p. 285) há, antes de tudo, o ensaio literário, cuja acepção é a seguinte:

“(…) Pequena composição escrita em prosa, que discute um tema e propõe uma idéia sem pretender esgotar o assunto. Forma literária menor, o ensaio é menos formal do que dissertação acadêmica”.

4.1.1. Ensaio quanto à palavra

O ensaio não pretende expor verdades absolutas, permitindo uma sensação de liberdade tanto para o pesquisador, que vai a campo para registrar aquilo que chama a atenção do seu olhar em um estudo antropológico, além daquele que apenas observa o conteúdo exposto. E são os inúmeros confrontos de ideologias e maneiras de ver o mundo que tornam o ensaio fotográfico um grande aliado às sempre importantes reflexões.

Para expor um determinado tema, uma das formas mais utilizadas pelos pesquisadores é o ensaio. Severino (2000, p. 152) afirma que o ensaio é um estudo bem desenvolvido que trata do assunto sob as conclusões pessoais do pesquisador, utilizando uma boa argumentação e justificativa para provar sua teoria. Isso pode ser feito por meio de duas plataformas: a palavra e a imagem.

Tudo isso faz parte de um trabalho científico que procura fazer um discurso completo do objeto por meio de uma forma narrativa, descritiva ou dissertativa. O ensaio se encaixa no plano descritivo. Severino comenta ainda que o ensaio “consiste

em exposição lógica e reflexiva e em argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal”. Ou seja, o trabalho vai mostrar o que o autor interpreta sobre o assunto pesquisado, tornando-se uma síntese da pesquisa realizada por ele durante determinado período, suas considerações que podem se mostrar, ao final do estudo, as mesmas ou totalmente diferentes de suas convicções iniciais.

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que os monumentos são, na atual conjuntura da sociedade moderna, pouco observados pelas pessoas, preocupadas com as atribulações do dia a dia. Ao final de nossas pesquisas, verificamos se a teoria pensada no início condiz com nossas impressões ou não, ou se o conteúdo ainda está sujeito a discussões.

4.1.2. Ensaio literário

Nesta modalidade, o pesquisador utiliza a palavra para justificar seu ponto de vista por meio do argumento escrito na forma descritivo-dissertativa. Nesse e em todos os outros tipos de ensaio, não é preciso um apoio rigoroso em conteúdo bibliográfico. Por isso, esse tipo de trabalho é muito comum também em estudos filosóficos e científicos, pois exige uma grande maturidade intelectual do ensaísta, que tenta, muitas vezes, provar algo que faz parte da nossa vida, mas encontra-se ainda pouco conhecido.

Em relação à natureza das palavras, a elaboração dessa tese não pretende registrar todos os detalhes do assunto, sendo que o mais importante é deter-se ao “caráter substancial da pesquisa, não se perdendo em grandes retomadas históricas, em contextualização muito ampla” (Severino, 2000, p. 153).

Outro tipo de ensaio é o científico que engloba a parte específica do objeto que está sendo estudado. A redação é utilizada em formas técnicas, como na medicina, por exemplo, que se propõe a estudar as questões relacionadas especificamente a uma determinada matéria. A visão do pesquisador deve criar um foco mais sólido e direto e o julgamento pessoal não é o mais importante.

4.1.3. Ensaio quanto à imagem

A fotografia é um importante instrumento de informação que pode dizer muito mais do que as palavras. A imagem, se não modificada, passa a atuar como um agente da verdade, que existe daquela maneira por critérios como o olhar do fotógrafo sobre

determinada cena. Ela também transparece idéias diferentes às pessoas que vão ter acesso a essas imagens, que farão a leitura das fotos de acordo também com sua visão individual sobre o tema. Por isso, mesmo que a imagem represente a realidade em forma de vestígio material, ao mesmo tempo, não pretende revelar verdades absolutas.

Em um ensaio fotográfico, o objetivo é valorizar ainda mais esse meio de informação, considerado fundamental ao aliar-se com o texto, mas não individualmente reconhecido como um modo poderoso de persuasão.

Kossoy (2001, p.22) afirma que esta é uma das causas da versatilidade da fotografia que, em sua função de instrumento de cópia de uma cena ali do momento, se transforma em um incentivador à reflexão do mundo real:

"Assim como as demais fontes de informação históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos (...) como os demais documentos, são plenas de ambigüidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração".

Além disso, a fotografia também representa uma maneira de registrar, por meio da imagem, a essência de um acontecimento. Como nos referimos anteriormente, a maneira como a foto é produzida depende, principalmente, do fotógrafo que, assim como o escritor, seleciona a informação que pretende passar. O fotógrafo, então, torna-se o agente responsável por uma das referências mais importantes da comunicação não-verbal, como também comenta Kossoy:

"A fotografia tem uma realidade própria (...) construída, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas é, todavia, o elo material do tempo e do espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado". (KOSSOY, 2001, p. 22)

A imagem, assim como os monumentos, é a representação da arte e também pode ser adquirida e gerada pelo ser humano. A imagem por si só representa segundo Kossoy (2001, p.28):

"(...) um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida

perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico".

Muito se fala em fotografia e é certo de que ela pode mostrar fatos e momentos do passado, mas apenas isso não basta para classificá-la como documento histórico, na acepção de Kossoy.

"Creio que não haveria exagero em dizer que sempre existiu um certo preconceito quanto a utilização da fotografia como fonte histórica ou instrumento de pesquisa. (...) apesar de sermos personagens de uma 'civilização da imagem' (...) existe um aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do saber (...); nossa herança livresca predomina como meio de conhecimento científico". (KOSSOY, 2001, p.31)

Pensar a fotografia não é apenas refletir sobre um tipo de imagem. No momento em que o fotógrafo faz uma foto, ele está selecionando a visão de mundo que pode ser comum a todos os olhos ou totalmente diferente, causando um novo impacto, dependendo dessa impressão. A fotografia, então, se torna um exercício de reflexão que, apesar de se basear em um fato, também se torna referência para um estudo pré-determinado. No caso do nosso trabalho, a intenção é refletir sobre a inserção do homem no espaço urbano, ou seja, como ele se coloca, age e conserva os monumentos da cidade e como ele se relaciona com estas obras em seu dia a dia.

Por isso, cabe explicar que existem vários tipos de fotografia e é possível avaliar essas diferenças desde o seu surgimento. A cada fase da evolução, o homem percebeu sempre uma função nova para a fotografia, que também contribuiu para a sua expansão e importância. Além de aperfeiçoar as técnicas, o tempo também modificou a finalidade de tirar fotografias, que hoje tem como uma das características mais marcantes retratar a realidade dos fatos sociais. Segundo Fabris, foto é a cópia perfeita do objeto em que a luz incide:

"A transformação da fotografia em fenômeno de massa altera radicalmente as concepções vigentes. A 'grande fotografia' e seus esquemas pictóricos são rapidamente marginalizados diante de um novo conceito de

‘qualidade’, indissoluvelmente ligado à ‘quantidade’” (FABRIS, 1998, p. 22).

Este também é um grande desafio para um fotógrafo em um ensaio fotográfico: fazer com que as pessoas se interessem pelo objeto estudado, sem que esse fenômeno de “quantidade” transforme a imagem em retrato do lugar comum. Para Proust, este lugar deve ser fotografado, mostrando a imagem de onde as pessoas passam todos os dias, em ângulos e formas diferentes. O fotógrafo deve se preocupar em registrar cenas que pouco se percebe ou nunca se viu, para que essa imagem mexa com o imaginário, além de descobrir ainda outras realidades ocultas que passam despercebidas diante de nossos olhos pela rapidez do mundo da modernidade e da nossa visão periférica sobre aquilo que vivemos.

"A fotografia cria uma visão do mundo a partir do mundo, molda um imaginário novo, uma memória não-seletiva porque cumulativa. Em sua superfície o tempo e o espaço inscrevem-se como protagonistas absolutos, não importa se imobilizados, ou até melhor, se imobilizados porque passíveis de recuperação (...)" (PROUST, 1989, p. 36) .

O fotógrafo Paulo Freitas, do jornal santista A Tribuna, considera o ensaio fotográfico uma oportunidade para o profissional explorar a subjetividade. “É uma maneira de brincar com os ângulos, com a luz, valorizar o lugar onde se está, diferente da imagem jornalística, que exige objetividade. Quando estamos fazendo um ensaio, podemos ser subjetivos, mostrar algo que as pessoas não estão acostumadas a ver diariamente”.

Essa é a magia da fotografia: transformar a imagem mais comum em algo novo, por meio de uma ação que aconteceu no passado e que está registrada e conservada enquanto da referência da imagem fotográfica.

4.2. MONUMENTO

O substantivo monumento vem do verbo latino *monere*, que significa “fazer lembrar”. Cunha (1982, p. 507) observa que o sentido etimológico do termo remete à mausoléu, uma das analogias possíveis a museu.

“Mausoléu=mausolu=sepulcro suntuoso (séc.XVI). Do latim *mausoleum*, derivado do grego. Mausolos, rei de Caria, cuja viúva, Artemísia, mandou erigir-lhe um túmulo em Halicarnasso, em 353 a.C., o qual, mais tarde, foi considerado uma das sete maravilhas do mundo”.

Freire (1997, p.94) faz uma relação entre esses conceitos e conclui que o sentido de monumento liga-se, desde sua origem, a “uma relação entre morte e maravilhamento, categorias inerentes também a museus”.

Le Goff (1994, p.555) afirma que o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos:

“(…) a obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco do triunfo, coluna, troféu, pórtico ou o monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”.

Podemos perceber que os monumentos estão intimamente relacionados à História e à Estética, no sentido de serem instrumentos artísticos para a perpetuação de fatos e personalidades de importância históricas.

O arquiteto e Chefe do Departamento de Desenvolvimento e Revitalização Urbana da Prefeitura de Santos, Ney Caldato Barbosa, também professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos, diz que dentro do universo dos monumentos, há os feitos por artistas, em forma de escultura. Estes são chamados de monumentos escultóricos e possuem diversas classificações.

4.3. CLASSIFICAÇÃO DOS MONUMENTOS

Os monumentos escultóricos que compõem a paisagem urbana são caracterizados de várias maneiras, de acordo com as normas arquitetônicas (ver anexo 3): herma, busto, estátua, cabeça, escultura, placa, coluna e marco.

4.3.1. Herma

Na Grécia antiga, uma herma era um pilar retangular ou de pedra, onde em cima se colocava uma cabeça que, na época, era a do deus da fertilidade, Hermes. O formato

do pilar, que é mais largo em cima do que na parte inferior, representava a virilidade e a força para a luta. Geralmente elas se colocam nas ruas, portas ou encruzilhadas dos caminhos como símbolo protetor e também como limitadores de propriedades para marcar um caminho, uma fronteira.

4.3.2. Busto

É uma escultura que representa a cabeça, pescoço e uma parte do dorso e ombros que se fixam sobre um apoio. Neste caso, é prioridade tentar recriar um retrato fiel do rosto do indivíduo. Em geral, os bustos são criados em mármore, bronze, argila e madeira, em pouquíssimos casos, sendo o mais importante que a escultura esteja em uma estrutura fixa e durável.

4.3.3. Estátua e Escultura

A estátua costuma ser a forma mais completa de representar o corpo humano. Aliás, este é o traço mais marcante da escultura em relação às outras formas de arte. Esta tem por essência fazer um tipo de moldagem em que as formas do homenageado sejam as mais fiéis possíveis. Vários materiais são utilizados, como por exemplo, bronze, mármore, argila, cera, madeira, entre outros.

A estátua segue o mesmo princípio que a escultura, podendo recriar uma entidade real ou imaginária. Esta tenta passar também a mensagem do corpo, caracterizando-se como algum personagem, onde alguma maneira de agir pode ser reproduzida e eternizada, ou ainda um gesto marcante que faz reconhecê-lo.

4.3.4. Coluna

Elemento arquitetônico a receber as cargas verticais de uma obra de arquitetura. Apesar de ter a mesma função do pilar, a coluna costuma ser uma estrutura mais esbelta e esguia, denotando um significado histórico, decorativo e simbólico muito mais acentuado. É composto por uma base, que a sustenta em pé, um fuste, que é a principal parte da coluna, a parte que fica ao meio dela, e o capitel, que é a sua extremidade, onde reside a parte da peça mais trabalhada.

4.3.5 Várias interpretações

Há, na Arquitetura, um documento considerado como fundamental em relação aos monumentos e à sua conservação. Em maio de 1964, houve em Veneza, na Itália, o II Congresso Internacional dos Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, cujo documento final, denominado Carta de Veneza, versa os paradigmas sobre a conservação dos monumentos. Seu artigo 1º declara:

“A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural”.

A Câmara de Arquitetura do Conselho Regional de Arquitetura do Rio Grande Sul, em sua Norma de Fiscalização de número 02/94 adota, por sua vez, a seguinte definição, segundo o documento, tradicional no meio:

“(…) obra ou construção destinada a transmitir à posterioridade a memória de fato ou pessoa notável. Num segundo sentido, todo edifício majestoso ou obra notável”.

O texto prossegue, afirmando que, da definição acima, derivam conseqüentemente:

“(…) obras de arte ao ar livre, de caráter público ou privado, isto é, os marcos, os bustos, as esculturas, as placas ou painéis e os artefatos; manifestações inerentes também das atividades dos Artistas Plásticos”.

Por sua vez, Choay (2001, p.25) distingue monumento de monumento histórico:

“(…) o monumento é uma criação deliberada cuja destinação foi pensada a priori, de forma imediata, enquanto o monumento histórico não é, desde o princípio, desejado e criado como tal; ele é constituído *a posteriori* pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes, dentre os quais os monumentos históricos representam apenas uma pequena parte (...)”.

Mas, para o fim de nosso trabalho, a melhor definição venha do arquiteto e professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos e Chefe do Departamento de Desenvolvimento e Revitalização Urbana da Prefeitura de Santos, Ney Caldato Barbosa. Segundo ele, o conceito de monumento é muito vasto, pois contempla algo que pode ser considerado importante, simbólico, representativo da grandeza de um fato. De acordo com essa definição, há os monumentos escultóricos, que são objetos artísticos moldados pelo homem com caráter artístico (os itens que definimos anteriormente, hermas, bustos, etc.).

Neste sentido, o historiador do Centro de Documentação de São Vicente, Marcos Braga, concorda com o arquiteto. Ele destaca que, antigamente, a construção de um monumento significava, além de uma homenagem visando eternizar alguma personalidade ou fato importante para a história da Cidade, a demonstração da riqueza econômica de cada local.

Marcos exemplifica a afirmação pela diferença do número de monumentos existentes em Santos, que é muito maior do que em São Vicente, fator que hoje talvez não representasse nada específico, mas é discutido pela relação histórica, pois São Vicente é a primeira Vila do Brasil. Ainda segundo ele, a população não considera todas as estátuas como monumento. No imaginário popular, monumento é um elemento de referência. Então, se pensarmos nessa representação, a quantidade de monumentos é muito inferior àqueles que foram construídos em caráter de monumento. Em São Vicente, por exemplo, a Ponte Pênsil é considerada um monumento pela população, por sua visibilidade, imponência e por atrair a atenção de turistas.

Esta pode ser até uma resposta encontrada para explicar a preservação de um determinado monumento, que é um bem público, ou a destruição, pichação daqueles de que não se reconhece a importância e o motivo de existência. De qualquer forma, é necessário mostrar a relação destas pessoas com os monumentos.

As imagens fotográficas vão reconhecer a existência destes monumentos, desconhecidos em muitos aspectos, enfocando sua beleza, curiosidades e as diferentes relações com outros elementos que compõem a paisagem urbana ao redor.

4.4. DEFINIÇÃO

Assim, definimos nosso trabalho, baseado nos aspectos do ensaio fotográfico e da adjetivação dos monumentos como patrimônios urbanos: faremos um ensaio fotográfico (não um tratado completo, apenas um estudo sem pormenores sob o espectro das fotografias), sobre a relação das pessoas com os monumentos, isto é, os marcos, os bustos, as esculturas, as placas, hermas ou painéis existentes na Ilha de São Vicente, que compreende as áreas insulares dos municípios de Santos e São Vicente. Não defenderemos teses fechadas ou verdades absolutas, apenas procuraremos mostrar como os monumentos estão presentes (ou passam despercebidos) na vida das duas cidades, e especialmente, no cotidiano da população.

5. FONTES, PROCEDIMENTOS E ETAPAS

Com a aprovação do projeto, que ocorreu no dia 3 de março, começamos a levantar a relação dos monumentos existentes em cada cidade da região. Para isso, consultamos as prefeituras para saber a relação de itens considerados monumentos. Começamos por Santos, pela facilidade de locomoção e por ser o município que intuíamos que tivesse o maior número de monumentos, fator que confirmamos através dos dados obtidos durante a pesquisa.

As primeiras dificuldades apareceram já neste período, pela falta de cooperação por parte das prefeituras na divulgação da lista dos monumentos existentes. Apenas as cidades de Guarujá, Santos, São Vicente e Praia Grande responderam aos nossos contatos no prazo hábil para delinear o nosso objeto de pesquisa.

Em Santos, procuramos contato com a Secretaria de Cultura (Secult) e também com o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos (Condepasa), que indicou que o local onde podíamos achar a lista dos monumentos era o setor de Galerias da Secult. Após um primeiro contato, fomos à sede da secretaria. Enquanto isso, não havíamos recebido resposta das outras prefeituras.

Até a primeira semana de abril, apenas São Vicente tinha mandado sua relação. Guarujá mandou pouco depois. A Secretaria de Cultura de Praia Grande nos informou sobre a existência de um Departamento de Patrimônio Histórico, mas este não tinha informações sobre o assunto. As outras cidades não responderam até o prazo que estipulamos, juntamente com o nosso orientador, como adequado dentro do nosso cronograma (primeira quinzena de abril).

Chegamos à conclusão de que seria muito difícil, para não dizer impossível, enfocarmos as nove cidades, principalmente pela dificuldade que teríamos em localizar os monumentos, até porque, mesmo com o endereço nas mãos, perderíamos muito tempo procurando cada local. Foi nos sugerido, então, retratarmos apenas a Ilha de São Vicente, que engloba as partes insulares de Santos e São Vicente, o que já representava quase 120 monumentos. A partir desta definição, demos início à sessão de fotos do ensaio.

As duas cidades nos enviaram dados como endereço e descrição dos monumentos escultóricos. A partir destes documentos, começamos a fazer as primeiras

fotos e foi justamente esta lista que utilizamos como um roteiro durante todo o trabalho, tanto para fotografar quanto para montar o ensaio em sua forma final.

Em 21 de abril, a dupla tirou fotos dos monumentos da orla de Santos, mais precisamente, os localizados na Ponta da Praia: o Marco Padrão de Dom Henrique, O Pescador, Atleta Náutico, Giusfredo Santini etc). Além de começarmos a praticar a técnica fotográfica, este dia foi muito importante para embasar nossa pesquisa que pretende focar a situação dos monumentos e o que eles representam para a sociedade. Logo no início da sessão de fotos, encontramos uma herma onde restava apenas a placa sem o monumento, comprovando problemas teorizados por nós, como a destruição do patrimônio público.

Durante este mês, também iniciamos a pesquisa teórica a fim de abalizar nosso trabalho. No dia 8 de junho, surgiu a idéia de desenvolver as planilhas diárias (ver anexos 1 e 2), para organizar nossas atividades e auxiliar na confecção deste texto. Este documento se encontra como parte anexa deste trabalho.

Como os monumentos estão atrelados à arquitetura, também fizemos pesquisas à biblioteca do curso de Arquitetura e Urbanismo da UniSantos. Encontramos obras como o livro “Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo”, de Cristina Freire, que analisa exatamente a questão dos monumentos no imaginário coletivo da sociedade urbana. Também analisamos a obra “Guia de monumentos da Cidade de São Paulo”, publicada em forma de ensaio fotográfico.

Também decidimos em conversa com nosso orientador, utilizar a maioria das fotos em preto e branco, que carrega uma carga máxima de informação e aumenta o contraste entre os elementos para focar a ação mais importante impressa naquela imagem, evitando assim que o observador se atenha a detalhes mais do que aos monumentos, como plantas e objetos com cores fortes, por exemplo. Somente em alguns casos, como fotos em que o céu e detalhes da cena poderiam intensificar a mensagem que gostaríamos de passar, deixamos de lado o P&B.

Embora, oficialmente, a sessão de fotos para o trabalho tenha começado no dia 21 de abril, consideramos o marco inicial do TCC o dia 14 de abril. Enquanto fazíamos uma matéria para o jornal laboratorial Entrevista, flagramos um monumento na Praça Champagnat, na Vila Mathias, em Santos, do Padre José de Anchieta portando uma garrafa de refrigerante colocada entre seus braços. Por sorte, estávamos com uma

câmera fotográfica e obtivemos fotos interessantes, que retratavam bem nosso intento com o trabalho.

No dia 21 de abril, mais uma sessão de fotos, desta vez, registrando os monumentos presentes na orla da Praia de Santos. No dia seguinte, iniciamos a elaboração deste relatório.

Além disso, em cada foto que tiramos, retratamos aspectos diferentes dos monumentos, procurando destacar sua beleza ou mostrar a realidade triste da depredação. Entre estes momentos, também procuramos retratar a função de ponto de encontro e celebração da imagem em forma de escultura.

Nestas verdadeiras coberturas, destacamos o dia 6 de maio. Fotografamos a Praça Independência, tradicional local de comemorações de Santos, após a final do Campeonato Paulista de Futebol. Com a vitória do Santos, pudemos tirar muitas fotos da comemoração, porém não utilizamos nenhuma delas no ensaio porque estas não ficaram de boa qualidade. Isso aconteceu devido à dificuldade em tirar fotos noturnas, pois não possuíamos uma máquina com capacidade suficiente para registrar imagens neste período.

Ressaltamos que sempre procuramos utilizar a câmera profissional fornecida pela Universidade, já que ela nos permitia aprender a trabalhar com a luz, o foco e a velocidade, o que nos garante um maior controle sobre o equipamento. Pelo alto custo para fazer um trabalho utilizando filmes fotográficos (custos de revelação e impressão), decidimos fotografar com máquinas digitais, nos modelos Fuji *Finepix S 7000* (da instituição) e duas câmeras Samsung *Digimax A 503*, que levávamos para todos os lugares, inclusive quando estávamos com a máquina da faculdade. Utilizamos a definição padrão de 3 Mpx (mega-pixels) nas fotos, pois nosso orientador considerou este o tamanho ideal para não distorcer as imagens, pensando em sua estética na visualização em monitores grandes e telões.

No dia 1º de maio, retratamos a inauguração de um monumento, localizado na Praça Primeiro de Maio, no Bairro Aparecida. O monumento possui três vértices montadas com pedaços de madeira que formam um “V”, representando “**a vitória dos trabalhadores no dia do Trabalho**”, segundo a Prefeitura de Santos. A inauguração também marcava a entrega da reurbanização daquele logradouro, antiga reivindicação da população local. Dois meses depois do nosso registro, porém, o que parecia ter

mudado a cara do local, já não era tão belo. Voltamos para ver a situação do recém-inaugurado monumento e o que encontramos foi a pichação que manchou aquela imagem. Hoje, o cenário encontrado é a sujeira e a presença de moradores de rua dormindo nos bancos da praça.

No dia 26 de maio começamos nosso trabalho em São Vicente, terra que concentra forte valor histórico. Chamou-nos a atenção a localização do Marco Zero da cidade, que fica escondido em uma pequena área na orla da praia do Itararé. Posteriormente, notamos que o mesmo acontece com o Marco Zero de Santos, localizado próximo a um ponto de ônibus da Praça Mauá, no Centro. Quanto ao último, notamos durante uma sessão de fotos a falta de conhecimento, por parte da população, de seu valor histórico e geográfico. Observamos muitas pessoas usando o monumento como um suporte para se apoiarem, enquanto esperavam condução.

No dia em que se comemorou os 100 anos dos Canais de Santos, a estátua do engenheiro Saturnino de Brito foi homenageada com flores. Nós também registramos este momento. Além disso, nós fizemos o mesmo procedimento, registrando também a deposição de flores no monumento à Cristóvão Colombo no dia 12 de Outubro e, pouco antes, uma homenagem à estátua de João Otávio, ambos localizados na orla da praia; homenagem ao dia da Revolução Constitucionalista de 32, que reuniu ex-combatentes em frente ao monumento na Praça Rui Barbosa. Registramos um momento tradicional que marca o equipamento: a deposição de flores em homenagem aos soldados que lutaram na guerra.

No dia 9 de junho, fotografamos o monumento a Allan Kardec, Cruz das Almas, Fábio Montenegro, Luiz La Scala, Almirante Barroso Zumbi dos Palmares, Padre Anchieta, General San Martin, ambos localizados na Ponta da Praia. Também fomos até a Avenida Ana Costa para registrar o monumento aos Expedicionários Santistas. O próprio público chamou nossa atenção por seu estado de destruição, com diversas partes quebradas.

No mês não tiramos muitas fotos, até por tivemos outras atividades da faculdade com prazo ainda mais curto para a produção. Porém, continuamos a pesquisa e o planejamento do que seria feito no próximo semestre. No dia 15 de agosto, fotografamos o monumento de Joaquim Xavier da Silveira, na Avenida Ana Costa, próximo ao Hipermercado Extra. Fizemos as fotos aproveitando a passagem em frente

ao monumento. Vimos que ele sofreu algumas intervenções urbanas, como pichações. Além disso, havia muita sujeira de pássaros e comida espalhadas pelo chão, sapato, caixas de papelão, o que traz a tona um cenário de abandono.

No dia 17 de agosto, tivemos a reunião do TCC para discutir o modelo de apresentação do mesmo no dia da defesa e na entrega à banca. Como não há condições financeiras para fazer a impressão das fotos em forma de livro, decidimos entregá-las em forma de CD-Rom, técnica que já foi montada pela dupla seguindo as recomendações do orientador, que destacou que o objeto mais importante do trabalho é a fotografia. Por isso, procuramos fazer a apresentação em Power Point, na ordem em que os monumentos aparecem na relação enviada pelas prefeituras.

O orientador também nos orientou com técnicas para evitar fotos desfocadas, e priorizar o retrato das fotos. No final de semana seguinte, aproveitamos para fotografar os locais mais distantes de onde moramos, como as obras localizadas nos morros de Santos, como o Monumento de Interligação dos Morros, em torno da Lagoa da Saudade. Próximo a este, mais precisamente na Caneleira, Zona Noroeste, encontramos o monumento a Maria Féa. Registramos também o monumento da divida entre Santos e São Vicente, um mais conhecido como Os Tambores e outro de 1920-24 instalado pelo Presidente do Estado, localizado em frente ao Banco do Brasil. Outro monumento que fotografamos neste dia foi o de Homenagem aos Bombeiros, em frente ao prédio da corporação, no Centro. Este é um caso interessante que pode justificar a falta de atenção das pessoas em relação aos monumentos, pois a escultura representa uma chama de fogo, mas tem pouca representação e parece insignificante por tamanha grandiosidade do trabalho dos bombeiros.

Também fotografamos o monumento a Mário Covas, localizado próximo ao Ferry Boat, em direção ao Porto de Santos. A escultura encontra-se bem conservada e a sua base representa o mapa do Estado, e a herma parece sair de uma cidade em questão, dependendo do ângulo que for observado.

Na Zona Noroeste de Santos, registramos outros monumentos como o o busto de Yara Nascimento Santini, localizado dentro de uma creche no Dale Coutinho, que também leva o nome da esposa do jornalista Giusfredo Santini. Como era domingo, o ambiente vazio e o retrato do monumento como se estivesse inacessível deu uma impressão de paisagem abandonada. Nesse dia, também fotografamos o Monumento ao

Imigrante do Norte e Nordeste, localizado no Rádio Clube. Este se destaca pela bela obra de arte, e pela estrutura bem conservada do monumento.

No dia 1º de setembro, fomos à Fundação Arquivo e Memória de Santos (Fams) para pesquisar um pouco mais acerca da história dos monumentos e ver algumas fotos antigas dos equipamentos.. Também entramos em contato com a Secretaria de Turismo e Cultura de São Vicente para saber como é o processo de construção de um monumento. Assim como em Santos, o artista oferece seu projeto de monumento e depois que for aprovado, por meio de licitação, a prefeitura paga os materiais necessários para a produção.

No mês de agosto, tiramos fotos de outros monumentos de São Vicente que ainda não tínhamos encontrado. Alguns foram registrados são de grande importância histórica e reconhecidos pelos moradores e por quem a visita, como a Biquinha de Anchieta e o Marco Padrão. A dupla também teve a preocupação de fotografar somente os monumentos pertencentes à Ilha de São Vicente, pois esta é o nosso objeto de pesquisa. Pensamos então na possibilidade de não fotografar o Mirante, localizado na Ilha Porchat que, por sua vista do alto que permite ver toda a cidade de São Vicente, mas que está em uma área até certo ponto isolada da cidade.

Aliás, esta questão da importância do monumento também foi definida com base nos livros e nas entrevistas com o arquiteto Ney Caldato e o historiador Marcos Braga. O primeiro fundamentou o que seria o nosso objeto de estudo, que são denominados segundo os termos de arquitetura, como monumentos escultóricos.

Já o historiador Marcos Braga comentou que o conceito de monumento depende principalmente do que a população enxerga como patrimônio, conceito que está ligado á fatores como a beleza da obra, sua grandiosidade e utilidade. Isto também justifica nosso objetivo de trabalho, porém, tal indicação é muito individual. Por isso, procuramos retratar aqueles que estão na lista oficial das prefeituras, pois estes são públicos e acessíveis a toda a população em suas ruas e praças, sem a necessidade de frequentar museus e exposições de arte para admirá-los.

Em uma das reuniões com o orientador, a dupla discutiu outra dúvida que tínhamos quanto à lista oficial, se íamos ou não fotografar o monumento do Mirante, localizado no Ilha Porchat. Vimos que não teria justificativa para não registra-lo já que,

apesar de a Ilha ficar isolada da cidade, ela não é tida como independente, por não eleger governantes próprios.

Neste dia 29, data em que também conversamos com a coordenadora do TCC, pensamos também em questões como a escolha da banca e data de apresentação. Outras decisões foram tomadas para facilitar a produção final do TCC.

Em outubro começamos a seleção e organização de fotos no ensaio. Na maioria das vezes, utilizamos o critério de ordem das fotos de cada monumento mostrando primeiramente em um plano geral para depois mostrar os detalhes para facilitar a identificação de onde essas obras se encontram.

Até o início do mês, não tínhamos encontrado apenas um monumento, que lembrava o local onde existiu o Quilombo do Jabaquara. Só conseguimos localizar a placa comemorativa graças a uma pesquisa feita na página eletrônica Novo Milênio, do jornalista Carlos Pimentel Mendes. Este *site* passou a ser uma de nossas principais referências, pois o editor da página montou um especial sobre os monumentos de Santos, como fotos e história de todos eles (A entrevista com Carlos Pimentel encontra-se no item Monumentos de São Vicente).

No segundo semestre de outubro, decidimos os detalhes sobre a formatação final do trabalho. Montamos a estrutura das transparências e tratamos as fotos, a fim de corrigir defeitos de luz nas imagens. Fora isso, não fizemos nenhum tipo de alteração nas fotos.

Por fim, na última semana do mês e nos dez primeiros dias de novembro, concluímos nosso trabalho, confeccionando o CD-Rom, revisando o relatório final e estudando os detalhes para a apresentação desta obra.

Com o fim deste trabalho, apresentamos a seguir os dados finais de nosso ensaio fotográfico:

- número de fotos tiradas: aproximadamente 3.700
- total de imagens selecionadas: 230
- número de fotos em P&B no ensaio: 191 (159 de Santos e 32 de São Vicente)
- número de fotos coloridas no ensaio: 39 (29 de Santos e 10 de São Vicente)

6. FOTOGRAFIA E ANTROPOLOGIA

O ensaio fotográfico exige contato direto entre o observador e a problemática que ele se propõe a estudar. Esse trabalho é um relato do próximo e o distante, no qual o pesquisador seleciona um fato social e descreve o que vê com base em sua observação pessoal. Porém, na maioria das vezes, estes aspectos não são fielmente conhecidos e definidos. Por exemplo, os espaços públicos são utilizados de maneiras diferentes por quem passa pelas ruas, avenidas e praças, ações que, talvez, apenas existam em um determinado momento, sem que volte a se repetir em outra ocasião.

Por isso, Auge (2001, p. 14) define o estudo antropológico como o estudo do imediatismo:

“A antropologia sempre foi uma antropologia do aqui e do agora. O etnólogo em exercício se encontra em um lugar (seu aqui do momento) e descreve aquilo que observa e estuda aqui no momento mesmo”.

O antropólogo se diferencia de um historiador, pois este se utiliza de documentos. No estudo antropológico, existe a necessidade de entrar em contato direto com o objeto de estudo. As palavras valem para o presente e para o passado. Segundo Auge, fatos, instituições, modos de vida, modos de reagrupamento, circulação no mundo são passíveis de um olhar antropológico.

“Toda a abordagem antropológica global deve levar em consideração uma enorme quantidade de elementos em interação, induzidos pela atualidade imediata, mesmo que eles não se deixem dividir em ‘tradicionais’ e ‘modernos’”. (AUGE, 2001, p. 17)

Apesar da fotografia ser importante na reprodução de acontecimentos sociais, como o registro do comportamento humano, ainda existe uma grande discussão que envolve o seu uso para comprovar resultados de estudos antropológicos. É certo que a própria antropologia sempre se preocupou em representar a realidade social do que está estudando em determinado momento, documentando em forma de representação gráfica as peças que revelam os componentes que ali residem. Porém, isto não significa que a palavra tenha perdido a sua força para se fazer compreender a sociedade. Para Feldman,

a fotografia é um documento que se observa, principalmente, para reconhecer a existência de determinado grupo.

“A mensagem veiculada pela imagem fotográfica, percebida como uma gravação tangível da sociedade, torna-se a prova material da presença do etnólogo em campo – a evidência de “ter estado lá” – ao demonstrar que o autor vivenciou e representou aquela realidade totalizante de outro universo social” (FELDIMAN, 1998 , p.198)

Este registro, como havíamos explicado anteriormente, é percebido como vestígio material de seu tema, característica esta que irá se sobrepor a sua qualidade de artefato cultural que congrega os domínios do perceptível, do real e do imaginário, na visão de Feldiman:

“(…) A suposta universalidade da fotografia é questionável, se considerarmos que todos os dados de outros universos culturais indicam a possibilidade do não conhecimento da imagem fotográfica como análoga do real”. (FELDIMAN, 1998, p.199)

A fotografia produz uma síntese peculiar entre o objeto estudado e o evento estudado, junto de suas interpretações construídas. Feldiman acredita que a imagem se destaca em relação a outros meios de comunicação dentro do estudo etnográfico.

“A mensagem veiculada pela imagem fotográfica (...) torna-se a prova material da presença do etnógrafo em campo – a evidência de ‘ter estado lá’ – ao demonstrar que o autor vivenciou e representou a realidade totalizante de outro universo social. Dessa forma, o uso da imagem serve como um recurso retórico que legitima a veracidade do texto antropológico” (FELDIMAN, 1998, p.198)

Os monumentos são, em geral, instalados em praças e grandes espaços públicos, locais que costumam chamar a atenção por servir como um ponto de referência e de encontro. Durante esta passagem, as reações provocadas pela existência desses elementos são diferentes, dependendo da interpretação individual e o grau de importância condicionada a esta representação.

Em algum período do dia, alguém passa por uma praça sem dar atenção aos detalhes que estão a sua volta, fator que talvez não aconteça na semana seguinte por qualquer motivo, como aquele local sofra uma mudança estética significativa. Algumas pessoas enxergam que algo está diferente, mas não sabem definir o quê.

Essa falta de análise acaba “anulando” a existência dos monumentos, já que, neste caso, aquele espaço quer demonstrar visibilidade por concentrar um local de admiração e valor histórico e, com o descaso, traz conseqüências como a destruição das imagens e a poluição visual e urbana que tanto estragam a beleza da cidade.

Outro trecho da obra de Auge (2001, p.65) demonstra como este conflito de idéias é a essência do lugar antropológico:

“O lugar antropológico é uma construção concreta e simbólica do espaço que, todos os dias, é um espaço onde se criam inúmeras contradições da vida social e algumas características comuns. Isso pode ser quando uma praça ou monumento recebe um nome particular e, mesmo que não faça sentido algum no futuro, carregam o mesmo nome até hoje”.

6.1 MONUMENTOS E OS NÃO-LUGARES: A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO FOTOGRÁFICO NO RETRATO DOS FATOS SOCIAIS

O monumento pretende ser a expressão tangível da permanência e da duração de um personagem ou fato histórico na memória da cidade. Apesar deles terem sido feitos em uma determinada época, seus construtores o idealizaram como uma obra que resistiria ao tempo.

Essa definição também reside no motivo que incentiva a construção de um monumento de determinado estilo, que homenageia determinado personagem ilustre ou determinado local. Antigamente, a criação de um monumento significava, de alguma maneira, que essas obras interagissem com a população, deveriam fazer parte do cotidiano deles.

Os monumentos podem servir como um ponto de encontro para diversos eventos. Na Praça da Independência, por exemplo, acontecem todas as comemorações dos títulos do Santos Futebol Clube. Os torcedores do time de futebol se acostumaram a ter o local como referência de comemoração. Porém, alguns monumentos são considerados meros enfeites e bens que não necessariamente sejam feitos para durar

eternamente, podendo se adaptar às mudanças ocorridas na forma de pensar a arte e na estrutura do ambiente, o que passou a ser uma constante a partir da segunda metade do século XX.

A crescente conscientização dos artistas sobre a perenidade do tempo representou uma revolução na maneira de pensar e fazer a arte, refletindo no próprio estilo e materiais usados nos monumentos. O bronze deu lugar aos materiais perenes, como a areia petrificada, o concreto e a fibra de vidro.

A relação dessas paisagens pode estetizar-se ou artificializar. Monumentos estão expostos, mas obstáculos como desvios, rodovias, carros, trens e vias podem nos tirar a atenção que eles deveriam despertar.

Se um lugar pode ser definido como relacional ou histórico, um espaço que possui muitas explicações abstratas é um não-lugar, na concepção de Auge (2001, p. 120). “A modernidade faz com que os não-lugares pertençam a todos e não tenham uma característica que o define. Mundo assim está prometido à individualidade, à passagem, o provisório e ao efêmero”.

Definimos estes locais por adjetivos como comum e banalizado. Geralmente, quando apenas passamos pelo local, mal observamos as coisas, decodificando os sinais que a nossa cultura identifica como objeto, sem enxergá-las como elas realmente são. Aí reside um problema para o estudo antropológico, pois os lugares e os não-lugares se misturam e ninguém consegue definir sua essência.

7. FOTOGRAFIA E ARQUITETURA

Desde o início, a fotografia sempre esteve ligada às artes e foi por meio de segmentos como a pintura e o desenho que o papel ideológico e material da fotografia foi transformado, mostrando um retrato ainda mais fiel do objeto. Além disso, quando a fotografia era um artigo de luxo, pois só as pessoas abastadas tinham acesso, ela tinha o valor de obra de arte e, para ressaltar essa função, o cenário montado para a foto era uma peça importante.

A arquitetura participou do período pioneiro da fotografia, já que, no começo, as poucas funções disponíveis para o uso do equipamento, complicado e de grandes dimensões, faziam com que os equipamentos arquitetônicos fossem as principais coisas a serem registradas. Desta maneira, o momento foi propício para a prática da fotografia de construções arquitetônicas, pois o ambiente estático permitia uma exposição em tempos mais longos, o que representavam melhor visibilidade e nitidez nos retratos.

Esta mesma arte que envolvia a fotografia como algo restrito, característico dada riqueza, também foi o que fez as pessoas ignorarem seu patrimônio cultural no século XIX, por isso, a relação arquitetura e fotografia se tornou ainda mais delicada.

A relação fotografia e arquitetura seguiu o mesmo caminho dos acontecimentos que envolvem as cidades e seus moradores. A busca pelo retrato das paisagens urbanas da cidade não deixava espaço para mostrar a relação entre as pessoas que ali viviam, levando até mesmo à exclusão da presença humana. De acordo com Fabris:

“(…) a imagem fotográfica tornou-se fundamental para a percepção do espaço arquitetônico. Destaca-se que a arquitetura hoje é conhecida, divulgada e interpretada através de imagens fotográfica, assim como concepção é, em grande medida, condicionada por uma percepção, também fotográfica. E este, sem dúvida, é um fenômeno que remonta as origens da fotografia e as formas de veiculação no século XIX”. (FABRIS, 1998, p. 133)

O retrato fotográfico na arquitetura foi importante por relatar as mudanças ocorridas na vida do homem. A arquitetura no século XIX desperta a compreensão de uma sociedade e suas transformações, inclusive dando um parâmetro do que seria

aquele lugar no futuro. O passado documentado nas fotografias serviu como referência para criar novas imagens e gerou uma verdadeira integração entre passado e futuro que resiste até hoje em alguns detalhes que ainda são adotados na paisagem arquitetônica, mas, levando em conta as necessidades do homem atual, como explica Fabris:

“O produto arquitetônico aparece, é visível; é o espaço provido de dimensões funcionais e estéticas, que abriga as necessidades humanas, exibindo as formas de suas aparições, ao mesmo tempo que desperta novas ambições” (FABRIS, 1998, p. 134)

A arquitetura utiliza-se da fotografia como substituto do que é concreto para mostrar como era aquele local no passado e inspirar outras criações. E isto se revela assim ainda hoje, como no começo da fotografia que, tecnicamente, se beneficiava ao refletir um objeto imóvel que transforma a captação de uma cidade vazia e sem vida, tirando das expressões da cidade suas funções comunicativas.

As preocupações e interesses da arquitetura em relação ao passado visam o conhecimento do mundo em determinada época. Na visão de Fabris, o fotógrafo trabalha em cima da construção do que ele deve ressaltar na paisagem, de certo modo, explorando o potencial da imagem diante de uma vista privilegiada.

“A cena urbana é muitas vezes fotografada de locais que permitissem visualizá-la de uma óptica externa, afastada. Nada melhor que fotografias panorâmicas para explicitar as relações que os edifícios e os espaços públicos estabelecem entre si e com seus entornos; para enunciar o profundo nexos do espaço urbano, onde cada elemento é relevante e significativo da ação humana que constrói as cidades”. (FABRIS, 1998, p. 151)

Essas imagens têm hoje uma grande importância no setor da fotografia como local que tentam sobreviver mesmo com os efeitos da destruição que exige a reconstrução e a mudança de uma obra quase que completamente. Por isso, o aperfeiçoamento da divulgação das informações se tornou uma esperança para o acesso a este tempo passado, ao mesmo tempo que prejudicou a relação entre as pessoas nas

idades, pois estas estão cada vez mais isoladas dentro de suas casas, dentro das fotografias.

As técnicas mais modernas de comunicação trouxeram outras formas de viver a vida e de presenciar os espaços urbanos. As pessoas consomem a cidade, mas não vivem intensamente nela, também devido a criações como a fotografia e sua capacidade de sempre tentar mostrar o novo, descobrindo o que as pessoas deveriam enxergar com os próprios olhos. Como conta Fabris, este efeito começou com o aparecimento dos cartões postais, que permitiam aos viajantes guardar uma lembrança de um local visitado ou ainda para presentear um amigo que, muitas vezes, limitará seu conhecimento sobre determinado local apenas pela imagem representada no documento.

“(…) a fotografia sempre esteve presente no registro do novo, daquilo que representasse transformação. No mesmo espírito foram fotografados não apenas edifícios, mas obras de grande porte. Esse tipo de registro de obras acabadas, ou de acompanhamento de obras públicas relevantes, só fez consolidar-se com o incremento do ritmo das construções e modernização do Brasil”. (FABRIS, 1998, p. 164)

Entre esses e outros motivos, reside a importância de documentar esses espaços com a inserção e a participação do homem na cena registrada. Além de tentar preservar um pouco do que representam os monumentos de Santos e São Vicente no presente momento, é importante mostrar como a população, que é parte dessa história, se relaciona com tais equipamentos no ambiente social moderno. Esse estudo poderá revelar, as mudanças pelas quais o ambiente passou, pelo por alguns anos depois da finalização deste ensaio.

7.1 A TÉCNICA FOTOGRÁFICA

Para fazer este ensaio, utilizamos em grande parte das sessões de fotos, uma máquina da marca *Samsung Digimax A-503*. Apesar deste equipamento não ser de uso profissional, a dificuldade acabou se tornando uma oportunidade para aprimorarmos nossos conhecimentos e técnicas de fotografia, para compensar as desvantagens do equipamento e mesmo assim obtermos imagens representativas e com qualidade artística. Além disso, mesmo com a dificuldade que esta máquina apresenta em captar

os cenários de luz, nós não utilizamos em nenhuma foto o recurso do flash, para evitar fotografias com luz artificial e para que tivéssemos o controle sobre as ações da máquina e não o contrário, até para não restringir o ato de fotografar uma ação automática. Flusser explica esse processo de seleção intuitiva:

“O fotógrafo “escolhe”, dentre outras categorias disponíveis, as que lhe parecem mais convenientes. Neste sentido, o aparelho funciona em função da intenção do fotógrafo. Mas sua escolha é limitada pelo número de categorias inscritas no aparelho: escolha programada. O fotógrafo não pode inventar novas categorias, a não ser que deixe de fotografar e passe a funcionar na fábrica que programa aparelhos. Neste sentido, a própria escolha do fotógrafo funciona em função do programa do aparelho”. (FLUSSER, 1985, p. 19)

Utilizamos a *Digimax* principalmente em flagrantes, mas ela acabou sendo necessária em outras sessões de fotos, principalmente quando não conseguíamos obter a máquina profissional da faculdade, com a frequência necessária para fazer a quantidade total de fotos produzidas para este ensaio, que somou pouco mais de 3.500.

Mesmo o aparelho disponível na Universidade, uma *Fuji Finepix S7000*, não possuía memória suficiente para fazer muitas fotos (pouco mais de 80 fotos). Na *Digimax*, o limite de fotografias, em uma resolução de 3 mega pixels, era de 41 fotos. Antes de iniciarmos as sessões de fotos, já mudávamos a máquina para as opções coloridas ou preto e branco, conforme a necessidade, mas, como havíamos comentado na descrição das etapas do TCC, a escolha foi prioritariamente pelas fotografias em preto e branco.

Apesar de em nosso cotidiano presenciarmos um mundo totalmente em cores, a fotografia em preto e branco desperta uma curiosidade sobre certos acontecimentos, destacando a carga informativa da essência dos objetos. Esta interpretação do que significa tal imagem é feita por meio das variações das nuances nas fotografias em preto e branco. A forma do objeto, muitas vezes, transforma em uma espécie de sombra que delimita a silhueta do que é aquela imagem, ganhando destaque também em relação ao cenário de fundo. Neste tipo de fotografia, também pela ação do foco, que já destaca a ação mais importante, a concentração feita em determinada parte encontra-se ainda mais isolada.

A fotografia em preto-e-branco não é uma das formas de isolar tal acontecimento no passado distante, mas sim, uma maneira de vislumbrar sentimentos diferentes, ajudando a aumentar as discussões em torno do significado daquela imagem. É importante reforçar também a técnica fotográfica em relação à maneira como as pessoas percebem esta imagem. A luz que inside nas fotos, por exemplo, reforça a textura dos objetos fotografados em preto e branco, além de ser importante em relação ao contraste muito mais marcante do que nas fotos coloridas.

Para mexer com estes sentimentos, o fotógrafo se foca na cena e na arte da representação, conforme suas impressões sobre a pessoa fotografada e sobre os fatos que permeiam seu cotidiano, fator que também será determinante em relação à leitura destas imagens, a partir da cultura criada no ambiente em que se faz a fotografia.

A nossa sociedade utiliza a aprendizagem dos signos para interpretar os acontecimentos e se comunicar com as pessoas que fazem parte do meio onde vivem. Porém, em se tratando da imagem fotográfica, que é uma forma de comunicação abstrata e dificilmente apresenta um significado definido, a integração entre o objeto retratado exige uma leitura que as pessoas não estão acostumadas a praticar, que depende, principalmente, da recepção de mensagens ao campo visual.

A comunicação por meio da imagem se estabelece, principalmente, entre o emissor, aquele que é responsável pelo ato de tirar a foto e ali registrar o seu ponto de vista sobre determinado fato, e do receptor, que faz a “leitura da imagem” que está ali diante dos seus olhos. Esta interpretação existe com base na bagagem cultural da pessoa que vê aquela imagem. Lima (1988, p.19) registra essa relação.

“É difícil imaginar que possamos ler uma imagem sem conhecer a história que a envolve (...) Estes acontecimentos prévios se fazem visíveis quando na fase de interpretação do fato registrado em imagem. (...) A psicologia se refere à relação entre os três personagens básicos de uma fotografia e a sua inter-relação (...) o fotógrafo (ou órgão emissor), o fotografado e o leitor (...).”

Até o próprio significado da fotografia denota que esta é uma arte de escrever com a luz, um reflexo da sociedade e uma forma de expressão visual. Esta expressão

existe em várias formas diferentes, pois é uma fonte ilimitada de informações, segundo Lima:

“Uma das razões de a fotografia não transmitir para o leitor todas as informações nela contidas seria o aprendizado da sua leitura. Na verdade, um texto escrito não pode ser considerado como linguagem em si; é apenas um processo que sua leitura desencadeia no intelecto do leitor que os transforma em linguagem” (LIMA, 1988, p. 18)

Porém, é necessário reconhecer alguns componentes do uso da fotografia como registro do fato presenciado, por exemplo, os componentes que a representam. Segundo Lima, a imagem se compõe exatamente pela combinação destes dois elementos. Na estrutura geométrica e perceptual, que é uma descrição particular, o que vale são os valores visuais sentidos pelo homem por meio da visão, de ordem puramente biológica.

“A combinação dessas duas estruturas faz com que o lado direito seja diferente do lado esquerdo, a parte superior seja diferente da inferior e tudo isso vai qualificar a expressividade da própria linguagem e da leitura que se faz de uma imagem”. (LIMA, 1988, p. 21)

Esta leitura visual permeia a fase da percepção, da identificação até chegar à interpretação. A primeira registra as características decifradas pelos nossos olhos, como a distinção de tonalidades, cores e objetos que constituem a imagem singular.

A identificação vai um pouco mais intimamente do que a ação da ótica, chegando à barreira mental para registrar seu conteúdo. Já a interpretação é puramente mental, que faz a identificação das características daquela imagem em seu meio sócio-cultural, o que talvez se assemelhe na hora de fazer tal identificação, sendo que todas elas possuem caráter narrativo sobre determinado fato. Lima completa:

“Desde que se mostre a situação a mais banal, o indivíduo mais comum, o espírito do leitor faz imediatamente apelo a todas as formas de noções abstratas, emoções e julgamentos que vêm se supor aos elementos visualmente perceptíveis”. (LIMA, 1988, p. 23)

Com relação a nosso ensaio, acreditamos que utilizamos da maneira adequada o recurso das fotos em preto e branco. Tais imagens se fossem deixadas com a cor original, poderiam perder grande carga de informação. Um morador de rua dormindo debaixo de uma placa na Praça Almirante Tamandaré, em Santos, por exemplo. Se mantivéssemos a cor na imagem, o registro não teria a carga dramática que passa em P&B. Afinal, teríamos cores fortes no gramado, na placa, nos carros ao fundo, que certamente tirariam a atenção do espectador menos atento.

Por outro lado, a foto que mostra o monumento a Samuel Leão, também em Santos, envolto em objetos de uma feira de antiguidades, foi feita em cores com o sentido proposital de atordoar o espectador, mostrando como o monumento fica escondido e “apagado” em meio a tanta informação.

8. MONUMENTOS ESCULTÓRICOS DE SANTOS

Em Santos, existem 98 monumentos escultóricos que “decoram” as praças, ruas e a orla da praia. Entre as outras cidades da região, possui destaque por fazer homenagens a personagens que, de alguma maneira, contribuíram para o progresso da cidade e são ainda lembrados pela História por seus atos.

Desde muito tempo, Santos e São Vicente tentam reconstruir as réplicas de um passado glorioso, com esculturas que escondem uma mensagem de infinita curiosidade quanto o mar que margeia as duas ilhas.

O primeiro monumento da cidade foi inaugurado no dia 26 de janeiro de 1908 para homenagear Brás Cubas. Este, localizado na Praça da República, no Centro da Cidade, foi tombado por uma resolução municipal em 20 de maio de 1952, pois é considerado um bem cultural do País.

Nestes quase cem anos de existência, muitos outros artistas plásticos e escultores criaram diversas obras que, ao longo dos anos, se adaptaram à modernização da arte, mudanças que causam diferentes impressões em quem as admira.

Porém, até por alguns destes motivos que nos levaram a fazer este trabalho, encontramos monumentos danificados pela pichação e destruição devido aos efeitos da ação de vândalos, uma dificuldade que se origina da falta de fiscalização e conservação daqueles que são responsáveis pela manutenção: os órgãos municipais.

A falta de informações detalhadas sobre os monumentos da Cidade também é um problema que existe aqui. Pensando nisso, o jornalista e criador do site Novo Milênio, Carlos Pimentel Mendes, fez o registro fotográfico de grande parte destas esculturas, que precisam estar bem documentadas, já que elas sofrem constantes mudanças ao longo das diversas administrações municipais. “Se alguns destes monumentos forem danificados, mesmo um hábil escultor teria que imaginar como restaurá-lo, já que não, na maioria das vezes, não há uma referência visual e documental sobre a obra. Além disso, existem casos em que os monumentos simplesmente sumiram da paisagem e ninguém sabe onde estão”.

Pimentel oferece alguns exemplos dos monumentos que hoje se limitam apenas à memória de alguns moradores. “Existiam quatro luminárias que cercavam o Gonzaga. Sei que duas estão na Praça das Bandeiras, e as outras duas? Os próprios responsáveis

pela preservação histórica desconhecem qualquer referência a outro monumento que se assemelhava a uma torre de petróleo, localizado à Praça Antonio Teles (no Centro de Santos). Eu lembro, meu pai também lembra, mas já ouvi pesquisador dizer que ela nunca existiu”.

Pimentel comenta a influência da década de 50 na modernização da arquitetura urbana da cidade, o que ocorreu principalmente na orla da praia. “Neste período, tínhamos trabalhos que poderíamos incluir na categoria de monumentos como as pérgulas do Boqueirão e as fontes e espelhos d’água, mas eram poucas as obras de expressão em meio a mini-obeliscos e porta-placas que passaram a sofrer atos de vandalismo, com exceções como o Cristo Redentor em areia, localizado à entrada da Cidade. No final do século XX, a onda de modernismo ressurgiu, dando margem à experimentação, com efeitos surpreendentes à vista, como o monumento ao Surfista, localizado próximo ao Posto 2”.

Relacionando os monumentos existentes em Santos e São Vicente, o jornalista Carlos Pimentel registra que as duas cidades tiveram evolução bem paralela. “Porém, Santos teve oportunidade de experimentar mais. Por essa razão, a cidade teria hoje monumentos mais variados quanto ao estilo e visualmente mais belos, até por contar com maior espaço urbano”.

Aliás, Pimentel comenta este avanço de Santos em relação também às outras cidades do país. “Quando vejo monumentos como o que chamo de ‘Portinari empinando pipa’, ou ‘O pneu furou’ e ‘O peixe’, penso que temos aí uma escola de escultura que não tem medo de brincar com as formas. Existem outros como a Ninfa, na Praça Mauá, que está no melhor estilo da realeza francesa, e na Praça Rui Barbosa, onde encontramos um grande monumento em bronze ao Padre Voador em estilo ibérico, que virou tendência em toda a América Latina”.

Segundo a Chefe da Sessão de Patrimônio Público da Secretaria de Cultura de Santos, Maria Inah Rangel, em 2007, dois monumentos foram inaugurados: o "V" de vitória em homenagem ao trabalhador, localizado na Praça Primeiro de Maio, na Aparecida (ver anexo 5), e o monumento em homenagem ao fundador do movimento rotariano, Paul Harris, na Avenida Siqueira Campos, no Embaré.

Para o artista plástico e professor de escultura do Curso de Educação Artística da Unisantia, Élver Savietto, a instalação dos monumentos mais modernos deveria seguir

critérios mais artísticos. Além disso, ele cita as constantes mudanças de localização de alguns monumentos da cidade. “O monumento ao Pescador, na Ponta da Praia, esteve em dois locais antes do atual. A Ninfa, que está no Orquidário, já esteve na praça onde hoje está o monumento a Bartolomeu de Gusmão e o Trabalhador Portuário, que também foi tirado do seu lugar inicial. Esta mudança deve levar em conta aspectos de que o monumento escultórico deve ser colocado de modo que possa ser observado por todos os lados”.

Em relação aos materiais que constituem estes monumentos, os antigos em geral, são feitos de bronze e um deles, de mármore. Já os mais modernos foram construídos em fibra de vidro, características que, segundo o especialista em escultura Élver Savietto, não são próprias para este tipo de trabalho. “Por exemplo, os fabricados de aço são bastante perenes e alguns outros de areia misturada com resina também não demonstram qualidade técnica, além de possuir pouca beleza”.

Savietto comenta que a população não é orientada para conservar seus monumentos, já que, segundo ele, não adianta criar-se várias obras de arte sem a educação necessária para garantir a preservação e a contemplação como objeto artístico. Ele também diz que a restauração depende de pessoas com conhecimento para manipular determinado material. “Os monumentos de bronze, por exemplo, não deveriam ser limpos na parte de bronze, pois o zinabre que se forma nele é sua proteção. Há alguns anos, tentaram restaurar o monumento da Praça da Independência: primeiro lavaram, depois passaram produtos para tirar todo o zinabre e assim pintaram-no de dourado”.

O escultor Élver Savietto, que também já restaurou alguns monumentos da cidade, também comenta sobre a falta de documentação necessária para reconstruir as peças. “O monumento ao João Otávio, fundador da escola Escolástica Rosa, teve sua cabeça arrancada e eu fui uma das pessoas contratadas para restaurá-lo. Minha grande dificuldade foi a falta de fotos do monumento para que eu pudesse me basear para fazer a reconstrução. Soube que, só recentemente, a cabeça original voltou para o lugar de origem”.

Élver também fala sobre o processo de escolha do artista responsável pelos monumentos. “Anos atrás, quando a cidade pensou em fazer o monumento da Praça da Independência, foi feita uma concorrência pública, com edital oficial, por meio da lei,

processo que também deve considerar que não seja muito caro à verba municipal”. Segundo ele, o que determina a quantidade de monumentos é a importância que a cidade dá à arte. “Gostaria muito de ver aqui esculturas como as que observo em São Paulo. Me pergunto por quê Santos, com este jardim maravilhoso e enorme, não tem obras de arte? Falta de iniciativa? Sou obrigado a crer que é do poder público”.

Além desses problemas, as histórias de erros e confusões históricas podem apontar o motivo pela qual deixamos de conservar nosso patrimônio cultural. Além disso, durante este estudo, também verificamos que existem várias alterações nos locais e, muitas vezes, é dado um nome a uma praça, mas, naquela praça está um outro monumento, não o da rua de mesmo nome. Por exemplo, na Praça do Patriarca da Independência José Bonifácio, dá lugar ao monumento dos Heróis da Revolução Constitucionalista de 1932. A construção desse monumento, que não está nessa praça, só ocorreu quase 50 anos após a morte de Bonifácio.

São freqüentes os nomes estranhos em ruas e praças. A Praça dos Andradas, não lembra em nada os irmãos Andradas que lutaram por nossa independência política. Nesse mesmo local, encontramos o busto de Getúlio Vargas, que substituiu outro, o do poeta Fábio Montenegro, localizado em frente ao Aquário Municipal, na Ponta da Praia. Na Praça Rui Barbosa está o monumento ao padre Bartolomeu de Gusmão e o monumento a Rui Barbosa está em uma praça à Avenida Ana Costa.

Outras personalidades importantes ainda não foram homenageados com esculturas em praças de Santos. O Barão de Mauá ainda espera um monumento na praça que leva o seu nome, e que hoje carrega um monumento à Ninfa Naiade, uma réplica da estátua que se encontra na Praça de Versalhes, na França. A Praça da República não lembra em nada Dom Pedro II que fica na Praça Antônio Telles.

Outros problemas se referem da posição onde foram colocados os monumentos. A estátua do poeta do mar Vicente de Carvalho que fica na orla da praia no canal 3, por exemplo, foi instalada de costas para o seu tema favorito (ver anexo 4).

Várias outras curiosidades envolvem os monumentos de Santos, mas que dificilmente serão desvendadas. Os casos de abandono sempre existiram e continuam a assombrar a cultura da cidade e, o que já anulou o incentivo a obras de maior expressão, pois o dinheiro público acaba sendo gasto para consertar o que foi destruído. Esta é ainda uma outra questão que deve ser analisada com muito cuidado, mas pelos

profissionais responsáveis. A nós, “meros” fotógrafos, resta apenas documentar, por meio da imagem, qual é o significado destes monumentos para quem convive com esta paisagem diariamente, a população santista.

8.1 RELAÇÃO DE MONUMENTOS

A cidade possui, oficialmente, 98 monumentos, que são os seguintes:

Coluna de Metal – Praça Antônio Teles

Brás Cubas – Praça da República

Bartolomeu de Gusmão – Praça Rui Barbosa

José Feliciano Fernandes Pinheiro – Avenida São Leopoldo, 56 – próximo à Praça dos Andradas

Gaffrée e Guinle – Monumento aos fundadores da Companhia Docas de Santos – Praça Barão do Rio Branco

Ninfa das Cochas – Praça Mauá

Catequista – Palácio José Bonifácio

Desbravador Bandeirante – Palácio José Bonifácio

Marco Distrital – Praça Mauá

Leonístico – Praça Lions

Getúlio Vargas – Praça dos Andradas

Filhos de Bandeirantes – Soldado Constitucionalista – Praça José Bonifácio

Silvio Fernandes Lopes – Palácio José Bonifácio

Homenagem ao Corpo de Bombeiros – Praça Tenente Mauro Batista de Miranda – Em frente ao quartel do Corpo de Bombeiros

Cristo Redentor – Rua Visconde de São Leopoldo

José Bonifácio de Andrada e Silva – Paço Municipal

Visconde de Mauá – Praça Mauá

Ariosto Guimarães – Praça José Bonifácio

Molecadinha – Praça dos Andradas (entrada da Cadeia Velha)

Joaquim Xavier da Silveira – Praça Nenê Ferreira Martins – confluência da Avenida Francisco Glicério

Irmãos Andradas – Praça da Independência

Leões do Gonzaga – Avenida Vicente de Carvalho – Jardim da Praia do Gonzaga – entre as Avenidas Bernardino de Campos e Ana Costa

Martins Fontes – Avenida Vicente de Carvalho – Jardim da Praia próximo ao canal 2, Gonzaga

Expedicionários Santistas – Praça dos Expedicionários – Boqueirão (Avenida Ana Costa com a Francisco Glicério)

Aristides Bastos Machado – Avenida Vicente de Carvalho – em frente à Rua Carlos Afonseca – Jardim da Praia Gonzaga

Melvin Jones – Praça Melvin Jones – Rua Marechal Deodoro com Euclides da Cunha – Gonzaga

Samuel Leão Augusto de Moura – Praça Rotary

Homenagem 10 Km Tribuna FM – Avenida Vicente de Carvalho – próximo à Avenida Ana Costa

Monumento ao Surfista – Avenida Presidente Wilson – em frente ao Posto 2 – Jardins da Praia

Fábio Montenegro – Avenida Saldanha da Gama – Praça Ver. Luiz La Scala – Aquário

O Pescador – Avenida Saldanha da Gama em frente ao Ferry Boat

Atleta Náutico – Avenida Saldanha da Gama

Padrão de D. Henrique – Avenida Bartolomeu de Gusmão – em frente à Rua Afonso de Paula Lima

Padre José de Anchieta – Praça La Scala – Avenida Bartolomeu de Gusmão (em frente ao Aquário Municipal)

Almirante Barroso – Ponta da Praia – Praça Roosevelt

Giusfredo Santini – Avenida Saldanha da Gama – próximo ao Ferry Boat

Allan Kardec – Praça Allan Kardec – entre as Avenidas Eptácio Pessoa e dos Bancários

Cruzeiros das Almas – Avenida Bartolomeu de Gusmão – Praça Ver. Luiz La Scala

Duque de Caixas - Avenida Bartolomeu de Gusmão – Praça Ver. Luiz La Scala

General de San Martin – Praça Nossa Senhora do Carmo

Comunidade Portuguesa – Avenida Bartolomeu de Gusmão – Praça La Scala

Pioneiros da Petrobrás – Praça Ida Trilli Gomes Santos, junto à Avenida Dino Bueno

Brigadeiro Tobias de Aguiar – Avenida Vicente de Carvalho – próximo Rua da Paz

Monumento Cívico - Mastro da Bandeira do Brasil – Canteiro Central da Avenida Saldanha da Gama (Ferry Boat)

Coração de Maria – Praça Coração de Maria

Vereador Luiz La Scala - Avenida Saldanha da Gama

Vicente de Carvalho – Avenida Vicente de Carvalho – Jardim da Praia próximo ao canal 3 – Boqueirão

Rotary Club – Avenida Vicente de Carvalho – Boqueirão

Lydia Federicci - Avenida Vicente Carvalho – Boqueirão

Paulo Viriato Correa – Avenida Vicente de Carvalho (Ilha de Conveniência - Boqueirão)

Imigração Japonesa - Avenida Vicente de Carvalho – Em frente à Avenida Conselheiro Nébias – Jardins da Praia, no Boqueirão

Maria José Aranha Resende – Avenida Vicente de Carvalho – Jardim da Praia – Boqueirão

Santo Antonio do Embaré – Avenida Bartolomeu de Gusmão – em frente à Basílica do Embaré

Paulo Gonçalves - Avenida Bartolomeu de Gusmão – Jardim da Praia – em frente à Rua Osvaldo Cóchrane – Embaré

Zumbi dos Palmares – Praça Palmares – Avenida Afonso Pena – Embaré

Relógio do Sol – Gnomom – Avenida Vicente de Carvalho – Jardim da Praia – Próximo ao canal 3

Padre Marcelino Champagnat – Praça Champagnat – Rua Luis de Camões – Encruzilhada

Almirante Tamandaré – Avenida Bartolomeu de Gusmão – Jardim da Praia entre os Canais 4 e 5

Associação da Ordem De Molay – Avenida Bartolomeu de Gusmão – Jardim Praia próximo Canal 4

João Otávio dos Santos – Avenida Bartolomeu de Gusmão – Jardim da Praia entre os Canais 5 e 6 – Aparecida

Santos Dumont - Avenida Bartolomeu de Gusmão – na altura da Rua General Rondon – Jardim da Praia - Aparecida

Maçons – Avenida Vicente Carvalho – em frente à Pinacoteca Benedito Calixto

Os imigrantes - Avenida Bartolomeu de Gusmão – próximo Rua Anália Franco – Aparecida

O pneu furou – Avenida Bartolomeu Gusmão – próximo canal 6

Júlio Conceição – Entrada do Orquidário Municipal

São Francisco de Assis – Praça Washington Luiz – dentro do Orquidário José Menino

Ninfa Naiade – dentro do Orquidário Municipal

Maria Feá – descida do Morro da Nova Cintra – Zona Noroeste

Monumento ao Imigrante do Norte e Nordeste – Praça Gerônimo La Terza – Zona Noroeste – Rádio Clube

Yara Nascimento Santini – Centro Comunitário do Conjunto Habitacional Dale Coutinho – Zona Noroeste – Jardim Castelo

Maria Coelho Lopes – Praça Dona Maria Coelho Lopes – Jardim Santa Maria

Marco Rodoviário – Av. Nossa Senhora de Fátima

Quilombo Jabaquara – Jabaquara

Nossa Senhora de Fátima – Praça dos Outeirinhos entre os armazéns 23 e 25 dos cais

Trabalhador Portuário – Praça Silvério de Souza Paquetá

Mario Covas – Avenida Portuária junto à Praça Gago Coutinho

Saturnino de Brito – Avenida Presidente Wilson – Próximo ao Canal 1 – Bairro José Menino

Marco dos Tambores – Av. Nossa Senhora de Fátima, na divisa com São Vicente

Espaço Cidades Irmãs – Avenida Presidente Wilson em frente ao Emissário Submarino – José Menino

Cônego Lúcio Floro – Largo Cônego Lúcio Floro, ao lado da Gruta de N.S de Lourdes

Ludowing Zamenhol – Praça João Barbalho – Esquina da Rua Ceará e Avenida Floriano Peixoto – Bairro Pompéia

Cristóvão Colombo – Avenida Presidente Wilson – Pompéia

Monumento de Interligação do Morro da Nova Cintra e Marapé - Avenida Brasil - Lagoa da Saudade

Bíblia Sagrada – Praça da Bíblia – Próximo Canal 1 – Marapé

Menino Empinando Pipa – Praça Cândido Portinari – Marapé

Quintino de Lacerda – Praça Coimbra Próxima á Santa Casa de Santos – Vila Mathias

Rui Barbosa – Praça Belmiro Ribeiro – Vila Mathias

Quintino de Lacerda – Praça Coimbra Próxima á Santa Casa de Santos – Vila Mathias

Paulo F. Gasgon – Praça Paulo Fernandes Gasgon – Avenida Pinheiro Machado 475
Vila Belmiro

Placa Comemorativa Plínio Marcos – Teatro Brás Cubas – Avenida Pinheiro
Machado, 48

Recanto Seiki Miyashiro – confluência da Avenida Senador Pinheiro Machado e Rua
Joaquim Távora

Mausoléu do Esportista Amador – Cemitério da Filosofia Santos – Saboó

Madre Paulínia – Praça Santa Paulina – Saboó

Cruz de Pedra – Rua Joaquim Távora – Praça da Cruz de Pedra

Cristo redentor - Rua Visconde de São Leopoldo

Portal da Lusofonia – Praça Hipólito Rego – Confluência da Avenida Siqueira
Campos com a Rua Castro Alves

O Peixe – KM 64 da Via Anchieta – Próximo ao viaduto da Alemoa, na entrada da
Cidade

Monumento ao Trabalhador – Praça Primeiro de Maio – Ponta da Praia

Paul Harris – confluência da Rua Conselheiro Lafayette com a Avenida Siqueira
Campos, no Embaré

9. MONUMENTOS ESCULTÓRICOS DE SÃO VICENTE

A cidade de São Vicente já foi denominada Cidade Monumento da História do Brasil, por ter sido a primeira cidade a ser descoberta no país. A ação se baseou também na lei 4.603, de 20 de março de 1965, tratado do historiador Francisco Martins dos Santos, que se refere aos fatos como a data de descoberta da cidade que, desde 1526, já possuía uma nação forte e, em 1502, aparecia no mapa do Brasil como a Primeira Vila do País.

Foi também em São Vicente que teve início o primeiro movimento da catequese brasileira; a cidade também foi a sede do primeiro governo da costa do Brasil, consignado em Carta Régia por D. João III e local que, anos mais tarde, houve a primeira divisão administrativa do Brasil, por meio da criação da Capitania Hereditária. A cidade também foi responsável pelo início da sociedade paulista e de onde partiram os primeiros elementos da história da capital. Entre outras histórias, São Vicente ainda defendeu toda a obra colonizadora do Brasil, durante os séculos XVI e XVII, causando a fundação de Paranaguá, São Sebastião, Mogi das Cruzes, Santo Amaro, Parnaíba e outras vilas.

Esses registros se confundem com a história da cidade, que lutou contra o bandeirismo; foi quase extinta no século XVIII para que povoações e descobrimentos fossem feitos para aumentar a colonização no Brasil. Por esses e outros motivos, não há cidade brasileira que possa disputar com São Vicente a glória de pioneira e criadora de uma pátria, por isso, alguns atos já consideram essa importância. Portugueses já consagraram os direitos históricos de São Vicente, erguendo um marco comemorativo do 4º Centenário da Colonização Portuguesa, iniciada em 1532. Além disso, o próprio Governo Brasileiro, em 1932, reconheceu o papel e a precedência histórica de São Vicente, oficializando as comemorações do 4º Centenário de Colonização Portuguesa.

Por tantos méritos, é de se esperar que a Cidade possua uma vasta lista de monumentos e marcos, que dignifiquem sua rica história. Pois bem, a realidade é bem diferente. A Prefeitura da cidade reconhece apenas 20 monumentos. Destes, oito fazem referência direta ao pioneirismo do local na História do Brasil. Além disso, quase todos situam-se no mesmo trecho, compreendido entre a divisa com Santos, no Itararé, até a

região central do Município, em especial nas Praças Ipupiara, 22 de Janeiro e Tom Jobim.

Como fizemos também em relação aos monumentos de Santos, seguimos a lista oficial enviada pela Administração Municipal para registrar a quantidade correta de monumentos que existem na cidade. Durante o desenvolvimento do ensaio fotográfico, percebemos que aquela lista emitida pela Prefeitura, no começo do ano, estava incompleta ou, por algum motivo pelo qual nós desconhecíamos, o órgão responsável não classificava determinadas esculturas como monumentos.

Dando continuidade ao nosso ensaio na cidade de São Vicente, percebemos que estes monumentos que não estavam na lista oficial se encaixavam nas denominações oficiais de esculturas. No dia 1 de setembro, voltamos a entrar em contato novamente com a Secretaria de Turismo e Cultura (Setuc) também com o interesse em saber como era feita a escolha para que um artista possa fazer um monumento na Cidade.

Neste mesmo período, questionamos se tinha havido alguma alteração na lista enviada no mês de maio. Segundo as informações passadas pela Secretaria à época, a quantidade de monumentos ali encontrados era a correta. Porém, a partir do momento que nós mapeávamos a região, mais nós desejávamos retratar estas diferentes estátuas, até pelo ambiente presente ao redor que representava nossa idéia central de TCC, principalmente os monumentos próximos à Biquinha de Anchieta.

Nós iniciamos o registro seguindo a lista oficial, focando em monumentos como Ipupiara, Biquinha, Padre Anchieta, Relógio de Sol e Monumento a Benedicto Calixto, todos estes que se localizam bem próximos uns aos outros. Assim como em Santos, onde tínhamos a referência do nome da Praça e do endereço do local, nós também tivemos dificuldades para encontrar certos monumentos como a Grande Cruz de Pedra Bruta, por exemplo. Apesar da proximidade com a Biquinha, o lugarejo onde ela se encontra é bem escondido, dando os sinais de que por ali não passa ninguém.

Outro monumento que, apesar de estar na lista desde o início, nós não tínhamos referências concretas, é o Obelisco aos Pracinhas Vicentinos. Este equipamento localiza-se em um espaço próximo à Praça Coronel Lopes e consiste em uma placa e um mastro com a bandeira do Brasil. Em sua base, uma placa homenageia os pracinhas. Na própria Praça Coronel Lopes, havia um outro monumento, um busto a Benedicto Calixto, que não achamos durante a pesquisa de campo. Aliás, nem a prefeitura sabe

realmente onde este estará. Uma suspeita de técnicos da Companhia de Desenvolvimento de São Vicente (Codesavi) é a de que a estátua esteja em um dos depósitos do órgão, à espera de um local para ser instalada.

Segundo o gerente de manutenção da empresa, Robson Machado Pabst, há cerca de dez anos, o busto foi substituído por um coreto, que, por sua vez, foi retirado para a construção de um centro de comércio popular.

Posteriormente, entramos novamente em contato com a Secretaria de Turismo, desta vez, falando os nomes dos monumentos que nós fotografamos, mas que não estavam na lista, até para podermos justificar o motivo pelo qual nós não registramos tal detalhe. Confirmamos alguns dos equipamentos, mas a própria secretaria confirmou que não havia essa informação organizada em um só arquivo. Foi-nos indicado conversar com o historiador do Centro de Documentação da Casa Martim Afonso, Marcos Braga, com quem já tínhamos conversado para definir o nosso objeto de estudo.

Na segunda-feira seguinte, conversamos com o historiador para pegar a lista que ele possuía. Marcos, porém, falou que este levantamento foi feito pelo próprio Centro de Documentação e que, segundo ele, seria a lista quase completa, com exceção de alguns monumentos que os pesquisadores não haviam encontrado referências. O material também possuía fotos recentes de cada um deles.

Nesta lista divulgada pela Cedom, alguns detalhes chamam a atenção: pouco distante da lateral da Herma de Padre Manoel da Nóbrega, localizada à Avenida Padre Manoel da Nóbrega com Avenida Presidente Wilson, encontra-se uma placa. Conforme a lista, aquela placa é um monumento separado, não formando um conjunto com esta herma. Outro exemplo é o monumento a Martim Afonso, que fica em frente à Prefeitura. Na lista, esta escultura não foi lembrada. Segundo eles, a estátua do Martim Afonso é aquela que se encontra na frente da própria Casa com seu nome.

Também há o monumento a Padre José de Anchieta que, na verdade, não é referência à estátua, mas sim ao quadro ao lado da Biquinha. Tem também a Praça Barão do Rio Branco, que possui monumentos públicos catalogados separadamente (ver anexo 6, que trata da inauguração de dois deles). Outros dois monumentos que nem sequer passaram por nosso roteiro de fotos foram o Porto das Naus, Avenida do Tupiniquins, no Bairro Japuí, e o monumento do Lions Clube. Este último não fazia

parte nem do nosso conceito no trabalho, que é retratar os monumentos apenas de caráter de escultura.

Além deste assunto, o questionamos sobre a conservação dos monumentos e a sua manutenção durante o ano. Obtivemos informações de que, todo o final do ano, o órgão responsável pela limpeza de toda a área urbana, juntando a isso os monumentos, é a Condesavi, Companhia de Desenvolvimento de São Vicente.

Outra questão que preocupava a dupla era as informações de que existem vários bustos na Área Continental. Sobre este assunto, Marcos Braga diz não saber de registros de monumentos desta área, apontando apenas um que ele não sabe se pode considerá-lo nesta lista, como as Ruínas da Araucália.

Por estas mudanças e classificação muito individual do que são os monumentos de São Vicente, fotografamos também a estátua da Feiticeira, que fica em cima de uma pedra no meio do mar da Praia de Itararé.

Várias são as obras arquitetônicas consideradas pela Administração Municipal como monumentos. É o caso do Mirante da Ilha Porchat, batizado de Monumento 500 Anos que, mesmo localizada longe da Cidade faz e a tradicional Biquinha de Anchieta. Curiosamente, talvez por uma falta de atualização nos cadastros municipais outras estátuas também de outros monumentos se tornaram ou já estão desconhecidas, que pode encontrar dificuldade em administrar o seu patrimônio.

9.1. RELAÇÃO DE MONUMENTOS

Em São Vicente, a lista de soma 20 monumentos, que são os seguintes:

9.1.1. Marco Padrão

Dando continuidade ao início da história do Brasil, temos o Marco Padrão. Inaugurado em 1933, é o Marco de comemoração dos 400 anos da Fundação de São Vicente. Encontra-se dentro de uma ilhota no mar conhecida como Pedra do Mato. Foi oferecida pela colônia portuguesa de Santos e São Vicente. Localiza-se na Praia do Gonzaguinha, próximo a Biquinha de Anchieta.

9.1.2. Monumento a Luiz Vaz de Camões

Poeta máximo da Língua Portuguesa, quem nunca ouviu falar de sua grande obra: “Os Lusíadas”. Localiza-se na Praia de Itararé, defronte a Avenida Presidente Wilson. Inaugurado em 10/06/1980, em homenagem aos 400 anos de seu falecimento, com um marco que representa a sua grande obra prima.

9.1.3. Obelisco a Pérsio de Queiroz

Este valoroso soldado, ainda jovem, foi morto em combate na Revolução de 1932. O obelisco em sua homenagem encontra-se na praça 22 de Janeiro e foi colocado nos anos 60 como sinal de reconhecimento e gratidão a este bravo soldado que se alistou por São Vicente.

9.1.4. Herma do Padre Manoel da Nóbrega

Localizada na Avenida Padre Manoel da Nóbrega com a Avenida Presidente Wilson, perpetua a grande figura do Providencial dos Jesuítas no Brasil Quinhentista. É o marco comemorativo da fundação da primeira escola vicentina e a segunda do Brasil, o Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente.

9.1.5. Grande Cruz de Pedra Bruta

Localiza-se próxima à Biquinha de Anchieta. Inaugurada em 22 de Janeiro de 1974, homenageia os três nomes célebres da catequese - Padre Manoel da Nóbrega, Padre José de Anchieta e Padre Leonardo Nunes.

9.1.6. Monumento Soldado Constitucionalista Praça Heróis 32

Localiza-se na Praça Heróis de 32. Foi inaugurado em 1957 em homenagem a Revolução Constitucionalista ocorrida no dia 09 de julho de 1932.

9.1.7. Busto de Benedicto Calixto de Jesus

Localiza-se na Praça Coronel Lopes, no Centro. Paisagista exímio e marinheiro insuperável, nasceu em Itanhaém em 1853. Depois, veio residir em São Vicente. Fundou a Sociedade São Vicente de Paulo; autor do Monumento Comemorativo do IV Centenário da Descoberta do Brasil, datado de 1900, na Praça 22 de Janeiro.

9.1.8. Obelisco aos Pracinhas Vicentinos

Inaugurado para perpetuar o nome de todos os vicentinos que serviram na Força Expedicionária Brasileira atuando no último conflito mundial. Localiza-se na Praça Coronel Lopes, próximo aos Correios.

9.1.9. Relógio do Sol

É o primeiro Marco de Cadastro de São Vicente. Inaugurado em 22 de janeiro de 1943, por ele temos referências do nivelamento da cidade através da marcação de latitudes e longitudes. Localiza-se na Praça 22 de Janeiro onde abriga o Parque Ipupiara.

9.1.10. Biquinha de Anchieta

Sua construção é de 1553, com a vinda dos jesuítas. O Morro dos Barbosas possuía três nascentes, uma delas a Fonte do Povoado, hoje, a Biquinha. Tornou-se famosa por ser cenário das meditações e aulas de catecismo de José de Anchieta. A praça é famosa também pela Feira dos Doces, muito freqüentada pelos turistas, que foi totalmente reformada, para melhorar o atendimento e valorizar o visual do local.

9.1.11. Monumento Comemorativo do IV Centenário do Descobrimento do Brasil

Projetado e desenhado por Benedicto Calixto, foi inaugurado em 1900 em homenagem ao IV Centenário de Descobrimento do Brasil e está localizado à Praça Ipupiara. É a única obra escultural do autor, que morava em Itanhaém e presenteou São Vicente com sua arte.

9.1.12. Monumento Benedicto Calixto

Benedicto Calixto nasceu em Conceição de Itanhaém, em 14 de outubro de 1853 e falecido em São Paulo, em 31 de maio de 1927. Tendo vivido sempre no litoral, foi por excelência o “Pintor do Mar” deixando um considerável número de marinas. Evocando nas suas telas, a história da sua terra amada vicentina, nas figuras das caravelas quinhentistas. Inaugurado em 2003 na Praça Ipupiara em comemoração aos 150 anos do artista.

9.1.13. Memorial 500 anos – Mirante Ilha Porchat

Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Memorial 500 Anos é um mirante de onde se tem uma visão panorâmica das praias de São Vicente e Santos. Localizada na Ilha Porchat, esta arrojada edificação foi planejada também para abrigar um recinto permanente de exposições.

9.1.14. Monumento Capítulo São Vicente da Ordem Internacional De Molay

Foi patrocinado pela loja Maçônico Duque de Caxias nº70 em 22 de novembro de 2003 em homenagem aos 20 anos de fundação do capítulo São Vicente nº16. Localizada na Praia do Gonzaguinha.

9.1.15. Padre Anchieta

Nasceu no dia 19 de março de 1534, em San Cristobal de La Laguna, Ilha de Tenerife, Arquipélago das Canárias. Veio para o Brasil com 19 anos, tendo aportado na Bahia em 13 de julho de 1553. Chegou a São Vicente no final do mesmo ano e até sua morte, manteve-se sempre em grande atividade na catequese, apaziguando e moralizando os costumes, entre os próprios portugueses e índios que habitavam o litoral sul do Brasil até São Paulo. Faleceu em 09 de junho de 1597, no estado de Espírito Santo, na Vila Roritiba, após 43 anos de permanência no Brasil e 44 de vida religiosa, aos 63 anos de idade.

9.1.16. Ipupiara

Esse monumento foi feito pelo artista Daniel Gonzalez e foi inaugurado em 22 de Janeiro de 1999. É localizado no Parque Ipupiara, que se encontra dentro da Praça 22 de Janeiro.

9.1.17. Busto Tom Jobim

Localizado na Praia do Gonzaguinha ou Praia de São Vicente, situada na confluência da Av: Presidente Getúlio Vargas, Av: Embaixador Pedro de Toledo e

Praça 22 de Janeiro. Busto feito por Daniel e Serafim Gonzalez, inaugurado em 21 de Janeiro de 1995.

9.1.18. Monumentos em homenagem à Walter Martins e Antônio Campos

Walter Martins era proprietário da Banca de Jornal que está localizada na Praça Barão do Rio Branco, que possivelmente foi a 1ª do Município, dedicou sua vida a bem servir comunidade. Antônio Campos (Toninho Campos) deu exemplo de amizade e solidariedade a nossa geração vicentina. Ambas estão localizadas na Praça Barão do Rio Branco, próximo a Banca e ao Busto do Barão do Rio Branco e foram inauguradas em 23 de Agosto de 2006.

9.1.19. Praça e Herma do Barão do Rio Branco

Homenagem ao grande estadista brasileiro, está localizada na praça que tem seu nome 1845-1912. Diplomata e político brasileiro, advogado, promotor publico e professor. Resolveu favoravelmente as questões de limites do Brasil com a Argentina e a Bolívia. É autor, além de outras obras, de Episódios da Guerra do Prata e Efemérides Brasileiras. Foi o segundo ocupante da cadeira nº 34 da Academia Brasileira de Letras. Pouco antes de falecer, foi elevado a Presidente Perpétuo do Instituto Histórico Militar do Brasil.

10. CONCLUSÕES

A princípio, tivemos receio de não conseguir executar um bom trabalho. Tínhamos pouca experiência em fotografia e não havíamos treinado ainda nosso olhar de fotógrafos para observar os pequenos detalhes que fazem uma grande foto. Mesmo assim, decidimos enfrentar o desafio e hoje, ao fim deste trabalho, acreditamos que fizemos sim um bom ensaio.

Os monumentos despertam paixão em quem os observa com atenção e curiosidade, orgulho para os que os construíram e até raiva nos que os consideram apenas um obstáculo no meio do caminho. Mas nós, que fizemos esse ensaio, após nove meses de contato quase que diário com eles, podemos dizer que os monumentos nos despertaram o prazer de observar os pequenos detalhes que constroem a vida.

Exatamente por chegarmos a essa reflexão julgamos inadequada a conduta das administrações municipais em relação aos monumentos existentes em seus domínios. Das nove cidades da Baixada que consultamos, apenas quatro tinham um inventário das esculturas existentes e, destas, apenas duas (Santos e São Vicente) tinham dados suficientes para o nosso intento. Mesmo assim, estes dois municípios ainda carecem de detalhes e informações sobre a história dos equipamentos, suas características e a localização.

Alguns dados que colhemos foram obtidos por puro acaso, conversando com munícipes, pesquisadores e jornalistas. Com relação a São Vicente, os problemas foram ainda maiores. Descobrimos que a Cidade não considera muitos monumentos por pura falta de pessoal para pesquisar e catalogá-los. Além disso, é bastante corriqueira a confusão entre monumento e patrimônio histórico. Uma casa que data do período Colonial é um patrimônio arquitetônico que merece ser conservada tal como os monumentos antigos, mas cada um carece de cuidados específicos. Atualmente, vemos que ambos precisam de mais investimentos.

Como consideramos que este trabalho deve não só trazer belas imagens, como principalmente, criar uma consciência de conservação em torno desses equipamentos, trazemos a seguir algumas sugestões às autoridades, que julgamos pertinentes.

- Criar, em parceria com os cursos de História e Arquitetura das universidades da região um roteiro de visitação aos monumentos da Cidade. Isto poderia ser feito, por exemplo, dentro do programa Alegria Centro, em Santos, ou como peça teatral no Centro Cultural Vila de São Vicente.
- Elaborar um livrete ou folheto para os turistas que visitam a região convidando-os a conhecerem os monumentos. Essas publicações poderiam ser entregues, por exemplo, aos passageiros que descem dos navios de cruzeiro no Terminal de Passageiros do Porto de Santos e fazem turismo de um dia na cidade.

Por fim, pedimos uma maior atenção aos seguintes monumentos, que precisam de uma maior atenção e vigilância por parte do poder público:

- **Joaquim Xavier da Silveira (Santos):** local precisa de limpeza e monumento está deteriorado, com peças enferrujadas e pichadas.
- **Expedicionários Santistas (Santos):** espécie de troféu que ficava em sua parte superior foi roubado há cerca de seis meses e até a entrega deste trabalho não foi repostado.
- **Ipupiara (SV):** constantemente fica com a água da lagoa à sua volta cheia de limo e sujeira, prejudicando as carpas que estão no equipamento.
- **Walter Martins:** a fibra de vidro das estátuas está se degradando.

Um monumento pode contar uma história, homenagear uma grande personalidade e enaltecer as qualidades da cidade, entre outras coisas. Mas sempre ele terá alguma mensagem a passar, nunca será um pedaço de pedra ou metal no meio de uma praça. Como toda criação artística, cabe ao observador interpretar essa mensagem, decodificar os signos que compõem a obra. E essa tarefa, concluímos, é fascinante e enriquecedora.

Esperamos que os que tiverem acesso a esse trabalho façam essas descobertas. Se a partir de então, cada esquina se tornar um convite a novas descobertas e os monumentos da região passarem a ser mais valorizados e respeitados, tanto pelos munícipes, quanto pelas autoridades, teremos cumprido plenamente os nossos objetivos.

11. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Etapas / Ações	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Pesquisa / tema	X	X	X						
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X		
Elaboração do projeto	X								
Elaboração do relatório		X	X	X	X	X	X	X	
Fotos	X	X	X	X	X	X	X	X	
Entrega/ 1º relatório				X					
Sumário provisório					X				
Seleção bibliográfica por capítulos		X	X	X	X	X	X		
Leitura metódica e fichamento das obras	X	X	X	X	X	X	X		
Coleta de dados para relatório		X	X	X	X	X	X		
Organização dos dados coletados				X	X	X	X	X	
Entrevistas		X	X	X	X	X	X	X	
Análise dos dados coletados					X	X	X	X	
Entrega do 2º relatório								X	
Redação dos capítulos					X	X	X		
Entrega dos capítulos						X	X		
Reelaboração dos capítulos							X		
Redação da conclusão/anexos/referências							X	X	
Entrega da conclusão/anexos/referências								X	
Reelaboração da								X	

conclusão/anexos/referências									
Redação da introdução							X		
Entrega da introdução							X		
Reelaboração da introdução							X		
Elaboração dos outros elementos							X	X	
Revisão/redação final do trabalho								X	X
Preparação de datashow								X	X
Entrega									X
Apresentação pública									X

12. REFERÊNCIAS

12.1 BIBLIOGRÁFICAS

AUGE, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. MOREL-DELEDALLE, Myriame. **O Monumento dos Andradas**. Santos: FAMS, 2005.

CÂMARA DE ARQUITETURA DO CREA/RS. **Normas de fiscalização**. Porto Alegre, 2005.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo, 1998.

FELDMAN-bianco, Bela e Miriam L. Moreira Leite. **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais (orgs)**. Campinas, SP : Papirus, 1998.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FRANCO, Solange Mar. **Porto em foto & verso**. (Ensaio fotográfico sobre Porto Nacional). Biblioteca Pública Municipal de Goiânia. 1987

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Sesc/Annablume, 1997.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Ateliê Editorial. 2ª edição, 2000.

LEITE RIBEIRO, Cecília de Moura. GONÇALVES, Janice. **Obras de arte em logradouros públicos de São Paulo: Regional Vila Mariana**. São Paulo: DPH, 1993.

LIMA, Ivan. **A fotografia e a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MONTEIRO, Maria Inah Rangel; DIÊGOLI, Leila Regina. **Arte na rua: monumentos em logradouros públicos da Cidade de Santos-Centro**. 2004.

SEM AUTOR. **Presença da engenharia e arquitetura na Baixada Santista**. São Paulo: Nobel, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

UNIFIEO - Centro Universitário FIEO. **Normas para a apresentação de trabalhos acadêmicos [ABNT/NBR-14724]**. Osasco: [s.n.], 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Santos: Centro Histórico, Porto, Cidade**. São Paulo: Audichromo Editora, 2005.

12.2 ELETRÔNICAS

Agulha – Revista de Cultura. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag40fuao.htm>> Acesso em: 28 abr. 2007.

Arquitextos - Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp007.asp>>. Acesso em: 18 mai. 2007.

Carta de Veneza de 1984 (em Português) - Restauro, Reabilitação, Recuperação, Arquitectura. Disponível em: <<http://www.paulojones.com/tecnicas/carta-veneza.htm>> Acesso em: 13 mai. 2007.

Jornal Perspectiva 143 - Arquitetura - Manter ou alterar criticamente? - Carlos Pimentel Mendes. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/real/ed143z.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2007.

Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/6710/insti.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2007

Novo Milênio: Histórias e Lendas de Santos: Os monumentos santistas. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0360b.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2007.

Patrimônio: Lazer & Turismo - Revista Eletrônica – UNISANTOS. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/index.php>>. Acesso em: 20 mai. 2007.

Studium 23 - Um breve ensaio sobre a fotografia e a leitura crítica do discurso fotográfico. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/23/03.html?ppal=index.html>> Acesso em: 28 abr. 2007.

ANEXOS

ANEXO 1 - RESUMO MENSAL DE ATIVIDADES - 1º semestre
Aluna: LISSANDRA BERNARDO MARTINHO
Março/2007

01	
02	
03	Entrega da proposta do TCC.
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	Reunião com o responsável pela disciplina Fotojornalismo
11	
12	
13	
14	Aprovação do projeto pela coordenadora do TCC e indicação do orientador: Professor João Batista de Macedo Mendes Neto.
15	
16	
17	
18	Início da Pesquisa sobre os monumentos
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Abril / 2007

01	Pesquisa teórica.
02	Reunião com o orientador. Decidiu-se que o trabalho ficaria restrito à Ilha de São Vicente (Santos/SV). Foi designada a leitura de autores e pesquisa na Faculdade de Arquitetura para aprofundar o estudo sobre a interação dos monumentos no espaço urbano.
03	Pesquisa junto às prefeituras de Santos e São Vicente para obter a lista dos monumentos. Os resultados foram os seguintes: em Santos, algumas dificuldades em obter dados junto à Secult. Em SV há um livro com todos os

	monumentos. Foi pedido que fôssemos à Secretaria de Turismo buscá-lo.
04	Sem atividades.
05	Pesquisa teórica.
06	Pesquisa teórica.
07	Pesquisa teórica.
08	Elaboração deste documento.
09	Leitura de Livros. O primeiro foi Não Lugares, de Marc Auge e O que é patrimônio histórico
10	Pesquisa de trabalhos e livro na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
11	Pegamos os seguintes livros: O Ato Fotográfico (Phillipe Dubois), Fotografia e História (Boris Kossoy), Não-Lugares.
12	Idem
13	Idem
14	Tiramos as primeiras fotos – A foto do monumento a Padre Champagnat, que fica na Encruzilhada, em Santos, estava com uma garrafa de coca-cola.
15	Elaborei o resumo e fichamento dos livros
16	Fomos a faculdade de Arquitetura e pegamos o livro Obras de Arte em Logradouros Públicos de São Paulo. Nesta obra, encontramos várias fotos de monumentos, juntamente com suas definições.
17	Elaboração do Relatório
18	Elaboração do Relatório
19	Elaboração do Relatório
20	Elaboração do Relatório
21	Tiramos as primeiras fotos dos monumentos da praia. Neste dia, foram registrados os monumentos localizados no canal 7 até o 6, na Avenida da Praia, trecho do Ferry Boat até o Aquário Municipal.
22	Elaboração do Relatório
23	
24	Orientação TCC: apresentamos as fotos e entregamos o primeiro trecho do relatório, contendo as definições do que é ensaio e monumentos.
25	Sem atividades.
26	Leitura dos livros
27	Leitura e fichamento dos livros.
28	Sem atividades.
29	Tiramos mais fotos na praia. Dessa vez não só dos monumentos, mas sim, mostrando as relações do cotidiano. Muitas pessoas interagiram com os monumentos.
30	

Maio/ 2007

01	Tirei fotos da inauguração do monumento da Praça 1º de Maio/ À tarde, eu e o Allan continuamos a tirar mais fotos da praia até a Igreja do Embaré.
02	Comecei a ler o livro Fotografia: Usos e funções no século XIX
03	Leitura do Livro
04	Leitura do Livro.

	Orientação do TCC: falamos sobre a intenção de fotografar a Praça da Independência durante a final do Campeonato Paulista e tiramos dúvidas com nosso orientador sobre o relatório.
05	A dupla tirou mais fotos na praia. Nesses monumentos pudemos registrar várias mensagens de integração das pessoas com o monumento. Destaco o monumento aos 10 Km da Tribuna FM e a estátua de Cristóvão Colombo, ambas na orla da praia.
06	Fotos da Praça da Independência na comemoração da vitória do Santos na final do Campeonato Paulista.
07	Pesquisa de arquitetos e e-mails disponíveis e continuei a leitura dos livros.
08	Mais fotos e começo da elaboração do texto.
09	Continuação relatório e divisão dos capítulos.
10	Continuação relatório
11	Continuação relatório
12	Continuação relatório
13	Mais pesquisas internet
14	Mais pesquisas internet e Orientação TCC – Avaliação do conteúdo escrito até o momento.
15	Pesquisas internet
16	Tirei fotos do Peixe, que fica na entrada de Santos e outros monumentos do centro.
17	Transcrever o conteúdo pesquisado no livro Fotografia usos e funções no século XIX
18	Continuei a leitura do livro
19	Idem. Continuei o fichamento dos livros a pesquisa na internet
20	Idem
21	Idem
22	Reunião TCC.
23	Idem
24	Idem
25	Idem
26	Fotografamos São Vicente (Monumentos da Praia) como o da Praça Padre Manoel da Nóbrega e o monumento da Feiticeira
27	Mais fotos de São Vicente, desta vez, retratando os monumentos próximos a Biquinha de Anchieta, além do monumento aos Maçons e o Ipupiara
28	Pesquisa parte teórica para definir o que é placa, busto, coluna. Allan terminou fotos no Centro de Santos.
29	Allan fez pesquisa na faculdade de arquitetura. Ele achou alguns livros que explicam melhor a relação dos monumentos na arquitetura. Eu continuei as pesquisas em sites com trabalhos na área. Orientação TCC – Avaliação das fotos e a discussão sobre a possibilidade de fazer algumas fotos à noite.
30	Desenvolvimento da parte teórica e a organização de uma planilha com as atividades individuais.
31	

Junho/ 2007

01	Tirei mais fotos em São Vicente Parque Ipujiara e Biquinha
02	Elaboração relatório
03	Organizar o material de pesquisa do TCC
04	Elaboração do Relatório Individual
05	Entrega do Relatório do primeiro semestre.
06	Continuação da pesquisa teórica.
07	Mais Pesquisa teórica.
08	A dupla fotografou o Nossa Senhora no Dia de Corpus Crhistie
09	Eu fotografei o Allan Kardec, Coração de Maria, Cruz das Almas, Fábio Montenegro, Luiz La Scala, Expedicionários Santistas, Almirante Barroso Zumbi dos Palmares, Padre Anchieta, General San Martin.
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Julho/ 2007

01	Tirei fotos da Cãominhada, realizada na Orla da Praia de Santos. Na ocasião, fotografei o monumento do João Otávio, em seguida o do Santos Dumont, Tobias de Aguiar, Santo Antônio do Embaré. Neste dia houve muita movimentação perto dos monumentos, mas as pessoas não deram valor aos monumentos. Enfocar a transformação do local pelo homem e indicar a questão das fotos em Preto e Branco.
02	
03	
04	
05	

06	
07	
08	
09	Fotografei a solenidade em comemoração ao Dia do Soldado Constitucionalista. O monumento fica na Praça Rui Barbosa, no Centro de Santos. Durante a solenidade estiveram presentes vários combatentes da época, além da imprensa e de munícipes que assistiram às homenagens. Foram depositadas flores em frente ao monumento. Fotos coloridas e em Preto e Branco (a idéia foi destacar a riqueza de detalhes do monumento).
10	Análise parte teórica
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	Mais fotos do monumento a João Otávio que estava com flores em volta de sua base. A situação chamou a atenção de quem passava. Fotos coloridas e preto e branco.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Agosto/ 2007

01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	Orientação TCC. Como esta foi a primeira semana de retorno às aulas, só tivemos uma conversa sobre as atividades durante as férias e os passos para seguir dali em diante.
08	
09	

10	
11	
12	
13	Peguei o livro Realidades e Ficções na Trama Fotográfica de Boris Kossoy.
14	Nesta terça-feira não tivemos orientação do TCC por motivos de horário de nossas outras aulas. O professor também estava em aula.
15	Fotografei o monumento a Xavier Joaquim da Silveira, localizado à Avenida Ana Costa, próximo ao Hipermercado Extra. Fiz as fotos aproveitando a passagem em frente ao monumento. Uso da máquina 5.0 Samsung, o que não permitiu uma observação completa do cenário em volta do monumento. Fotos em preto e branco. Monumento sofreu algumas intervenções urbanas que também foram registradas. (Fotos antes e depois)
16	Continuei a leitura e fichamento do livro.
17	Reunião TCC, sexta-feira. Esta não foi exatamente uma orientação, mas uma conversa sobre as várias maneiras de desenvolver um bom ensaio fotográfico. Além disso, questionei o orientador sobre minhas dúvidas quanto ao modelo de apresentação do trabalho. Nesta mesma semana, eu e meu colega pensamos em, ao invés de publicar as fotos em um livro, o que está fora de nossas condições, demos a sugestão de fazer um CD-Rom. Nosso orientador falou também sobre os cuidados, ressaltando que o mais importante são as fotos. E também recomendou, como nós também queremos mostrar o vandalismo em relação aos monumentos da cidade, usar o recurso do colorido para valorizar esse contraste.
18	
19	
20	
21	Novamente não tivemos reunião do TCC na terça porque o professor não foi à faculdade naquele dia.
22	Análise das fotos tiradas e seleção.
23	Idem
24	Tentamos conversar com o orientador na sexta-feira ao final de nosso horário de aula, mas não conseguimos porque ele esteve dando aula até às 22h30. Marcamos a reunião para o dia seguinte.
25	Tivemos reunião do TCC no sábado. Na oportunidade, mostrei a ele as fotos que estavam no computador do Estudo de Fotografia da Universidade. Ele deu alguns palpites sobre técnicas para evitar fotos desfocadas e priorizar a riqueza da foto com o retrato dos detalhes. Após falarmos com o orientador, a dupla foi tirar fotos nos locais que ainda não tínhamos ido, tentando descobrir alguns detalhes que também eram desconhecidos para nós. Registramos o Monumento de Interligação dos Morros, na Lagoa da Saudade, onde também estava a Gruta de Santa Kali; monumento Maria Feá; monumento dos divida entre Santos e São Vicente (Tambores e outro de 1920-24 instalado pelo Presidente do Estado); Homenagem aos Bombeiros, em frente ao prédio do Centro; monumento ao Mário Covas, Ferry Boat.
26	Tirei mais fotos na Zona Noroeste que, neste dia completa 31 anos. Primeiro Monumento Maria Coelho Lopes, no Jardim Santa Maria. Em seguida fotografei o Monumento ao Imigrante do Norte e Nordeste, localizado no

	Rádio Clube; e o monumento Yara Nascimento Santini, localizado em uma creche de uma creche de mesmo nome, no Dale Coutinho. Este, segundo a lista da prefeitura de Santos, deveria estar no Centro Comunitário do conjunto Habitacional Dale Coutinho, mostrando que existem erros no registro desses monumentos. Não encontrei um dos monumentos da lista, o Quilombo do Jabaquara, que fica no Jabaquara. Acredito que estes sejam ruínas dentro do Engenho dos Erasmos, mas, para visitar é preciso pedir autorização para a Secult. Vou ligar nesta semana para tirar a dúvida.
27	Segunda-feira houve várias atividades em comemoração ao Centenário dos Canais, com o depósito de flores no monumento ao Saturnino de Brito.
28	Orientação TCC. Entrega para avaliação das fotos tiradas nos dias 24, 25 e 26 de Agosto. O orientador gostou do material levado. Fazendo a análise das fotos, pediu para prestar atenção nos comandos da máquina, principalmente do foco para não ter de repetir algumas fotos.
29	Organização das fotos por data para facilitar a separação do material que será inserido no TCC.
30	
31	Comecei a escrever algumas das informações contidas no Livro Realidades e Ficções na Trama Fotográfica, de Boris Kossoy

Setembro/ 2007

01	Sexta – Visita à Fundação Arquivo e Memória de Santos (Fams). O local possui material escrito e notícias de jornal sobre inauguração, destruição, projetos de reurbanização de praças de Santos. Entrei em contato com a Secretaria de Turismo e Cultura de São Vicente, pois é lá que existe o controle dos monumentos. Não existe um setor específico. Funciona assim: o artista oferece o seu projeto de monumento e, depois que for aprovado, a prefeitura paga os materiais para fazer o monumento.
02	Sábado – Continuação da revisão da parte escrita do TCC. (Inclui algumas fases da História dos monumentos). Pensamos em pesquisar ainda mais a quantidade de monumentos de São Vicente, porque existem erros: Existem muito mais monumentos do que a lista apresentada.
03	
04	
05	Terça-Feira – Reunião TCC – Orientador avaliou mais fotos. Nesse mesmo dia, também foi discutido a data de entrega do TCC, que é dia 31 de Outubro, para dividir as atividades. Vamos fotografar até o dia 5 de outubro. A seleção de fotos já está sendo feita, mas esta seguirá um padrão mais rigoroso até o dia 20 de Outubro para preparar o CD das fotos e acertar os últimos detalhes do relatório final. Discutimos também a maneira escolhida para a escolha da banca.
06	Arrumei a minha ficha de atividades e analisei o conteúdo do livro Realidades e Ficções na Trama Fotográfica, de Boris Kossoy, para ser inserido no relatório final – (Parte da importância da Fotografia como documento histórico). Peguei novamente o livro Não – lugares, de Marc Auge, para organizar melhor a ordem das citações selecionadas.
07	Sessão de Fotos: Monumento Embaré Lusofonia, algumas a noite dos

	monumentos da praia.
08	
09	Domingo: Sessão de fotos: consertar alguns detalhes das que saíram erradas – Teatro Municipal e canal 1, que possui vários monumentos.
10	
11	Terça-Feira – Reunião TCC – Análise de fotos recentes e antigas que ainda não tinha sido avaliadas.
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	Terça-Feira – Reunião TCC – Não foi visto a parte técnica das fotos. O orientador deu conselhos quanto ao modelo de apresentação do TCC, exposição das fotos e critério de escolha das mesmas para que o maior número possível de monumentos seja mostrado, e como tirar as fotos dos monumentos. Além disso, foi discutido também o modelo de apresentação e identificação dos monumentos para que a banca possa localizar o que é e a que se refere.
19	Parte escrita do trabalho – inclui a entrevista feita com o historiador do Centro de Documentação de São Vicente, Marcos Braga que explicou a definição histórica sobre o que é um monumento.
20	
21	
22	
23	
24	
25	Terça-Feira – Reunião TCC – Foi transferida para Sábado, dia 29.
26	
27	
28	Fotos do monumento Graffé Guinle, Rotary Club próximo à Praça do Correio, Praça Barão do Rio Branco, Cruz próxima à Igreja Matriz.
29	Reunião com a professora coordenadora do TCC, Benalva Vitório. Nesta data, ela esclareceu as dúvidas dos alunos sobre o tempo destinado para a apresentação, método de avaliação e divulgação de notas. Ela ainda falou sobre a escolha das bancas, prazo de entrega do TCC e as datas das apresentações. Orientação TCC – O orientador também comentou sobre a escolha da banca e o relatório. Peguei três livros na biblioteca: dois de teoria e um de ensaio fotográfico para auxiliar a parte técnica de escolha e produção das fotos. Continuei a fazer algumas alterações no TCC para finalizar o relatório do segundo semestre, que deverá ser entregue do dia 1 a 6 de outubro. Pensamos em definir mais os equipamentos que foram fotografados e porque.
30	Continuação do relatório

Outubro/ 2007

01	Segunda
02	Terça-feira – Orientação TCC – Conteúdo escrito para ser avaliado pelo professor orientador.
03	
04	Checagem de informações com Marcos Braga.
05	
06	Sábado – Último dia para a entrega do relatório das atividades do segundo semestre.
07	
08	
09	Terça-feira – Orientação TCC – Começamos a discutir sobre a escolha da banca e o modelo de apresentação do trabalho.
10	Pesquisa na internet Percepção fotográfica.
11	Início seleção das fotos.
12	
13	
14	
15	Fotografei o Mirante Ilha Porchat
16	Terça-feira – Orientação TCC – Comunicamos sobre a escolha da banca. Convidamos um dos professores escolhidos.
17	Comecei a seleção definitiva de fotos.
18	Seleção de fotos
19	Seleção de fotos e divisão por data e localização
20	Seleção das fotos.
21	Seleção das fotos.
22	Mais seleção de fotos e pesquisa com fotógrafos sobre a fotografia de monumentos. Descobrimos um especialista em esculturas no colégio Universitas. Pegamos o contato. Perguntamos ao outro grupo sobre a mudança de horário de apresentação do TCC.
23	Terça-feira – Orientação TCC – Entrega de algumas fotos selecionadas. Falar sobre o outro integrante da banca.
24	Relatório
25	Relatório
26	Relatório
27	Sessão de Fotos – monumentos que as fotos não ficaram boas: Monumento ao Rotary Clube no canal 3; Os imigrantes japoneses e busto vereador Paulo Viriato Correa; O pneu furou; Gnomon (relógio de sol – Santos); Lydia Frederice e Maria Aranha Resende; Samuel Leão de Moura Gonzaga, Menino empinando Pipa, Marapé; Atleta Náutico canal 7, Rui Barbosa, Luiz La Scala e Padre Anchieta.
28	Sessão de Fotos São Vicente: Obelisco aos Pracinhas; Heróis de 32; Walter da Banca; Grande Cruz de Pedra Bruta; Centenário do Descobrimento; A Feiticeira.
29	Tirei fotos do Portal da Lusofonia, canal 4; Monumento aos Maçons e Ordem De Moley; Coração de Marial, canal 7; Pioneiros da Petrobras e San Martin,

	ambos na Ponta da Praia.
30	Escolha das Fotos e finalização do relatório do TCC
31	Escolha das Fotos e finalização do TCC

Novembro/2007

01	Escolha das Fotos e continuação da parte escrita.
02	Idem
03	Fim da seleção das fotos e continuação relatório.
04	Tratamento das fotos.
05	Definição da ordem das no CD à banca. Conversa com Marcos Braga.
06	Montagem do Power Point
07	Ajuste dos textos e da Capa do Trabalho
08	Definição das artes impressas no Trabalho
09	Conclusão do Relatório Escrito.
10	
11	Revisão final do trabalho.
12	Preparação das cópias do CD e do Trabalho Escrito.
13	
14	Entrega do TCC

ANEXO 2 - RESUMO MENSAL DE ATIVIDADES – 1º semestre
Aluno: ALLAN KARDEC QUEIROZ DA NÓBREGA

Março/2007

01	
02	
03	Entrega da nossa proposta de TCC
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	Reunião com responsável pela área de Fotojornalismo acerca do TCC.
11	
12	
13	
14	Aprovação do projeto e indicação do orientador: Professor João Batista de Macedo Mendes Neto.
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	Sessão de fotos: Praça Mauá, Bartolomeu de Gusmão e Monumento do Peixe.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Abril / 2007

01	Pesquisa teórica.
02	Reunião com o orientador. Decidiu-se que o trabalho ficaria restrito à Ilha de São Vicente (Santos/SV). Foi designada a leitura de autores e pesquisa na Faculdade de Arquitetura, para aprofundar o estudo sobre a interação dos monumentos no espaço urbano.

03	Pesquisa junto às prefeituras de Santos e São Vicente. Santos: dificuldades em obter dados junto à Secult. SV: há um livro com todos os monumentos. Foi pedido que fôssemos à Secretaria de Turismo buscá-lo. Primeira Orientação semanal.
04	Sem atividades.
05	Pesquisa teórica na Internet. Foco: definição do que são monumentos e ensaio.
06	Sem atividades.
07	Pesquisa teórica.
08	Criação deste documento.
09	Prefeituras de Santos e São Vicente nos enviam as listas com os monumentos existentes em cada cidade.
10	Ida a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pesquisamos vários livros e trabalhos. Merecem destaque: Além dos Mapas e Monumentos de SP. Orientação semanal: apresentamos o que colhemos e recebemos as seguintes instruções: tirar com câmera digital, 100 ASA, velocidade por volta de 60 e, com movimento, acima de 125. Usar o tele para detalhes dos monumentos, resolução entre 1 e 3 MP, usar cor em fotos que justifiquem e pensar em “momentos” do TCC (algo como capítulos)
11	Pegamos os seguintes livros: O Ato Fotográfico (Phillipe Dubois), Fotografia e História (Boris Kossoy), Não-Lugares
12	Mais um livro foi pego: Guia de monumentos da cidade de São Paulo
13	
14	Sessão de fotos: Enquanto fazíamos matéria para o Entrevista, nos deparamos com um monumento na Praça Champagnat do Padre José de Anchieta, com uma garrafa de refrigerante colocada entre seus braços.
15	Sem atividades.
16	Leitura dos livros, para posterior fichamento.
17	Orientação semanal: apresentamos nossas conclusões sobre a ida à Faus e apresentamos nossas fotos na Champagnat. Pedido o início do relatório.
18	Pesquisa na Internet.
19	
20	
21	Sessão de fotos: Aproveitando o feriado de Tiradentes, iniciamos, pela manhã, o roteiro de fotos pela Avenida da Praia, no trecho que compreendeu o Ferry Boat até o Aquário Municipal, pela manhã. À tarde, do busto do Brigadeiro Tobias de Aguiar até o busto de Santos Dumont.
22	Início da elaboração do relatório.
23	Leitura dos livros.
24	Orientação semanal: apresentamos as fotos e entregamos o primeiro trecho do relatório, contendo as definições do que é ensaio e monumentos.
25	Sem atividades.
26	Leitura dos livros e pesquisas na Internet. Começo dos contatos visando um encontro com Ney Caldato.
27	Leitura dos livros e pesquisas na Internet.
28	Sem atividades.
29	Sessão de fotos: Trecho que compreendeu a Fonte do Sapo até à Praça das

	Bandeiras.
30	Leitura dos livros e início dos fichamentos.

Maio / 2007

01	
02	Sessão de fotos: Praça Mauá e Bartolomeu de Gusmão
03	Sessão de fotos: Praça Bartolomeu de Gusmão e Monumento do Peixe (restauração).
04	Sessão de fotos: Praça Bartolomeu de Gusmão e Monumento do Peixe (restauração). Orientação semanal: relatamos nossas intenções de fotografar a Praça Independência durante a final do Campeonato Paulista e dirimimos dúvidas com nosso orientador sobre procedimentos e relatórios.
05	Sessão de fotos: do monumento aos 10 Km Tribuna FM até a estátua de Cristóvão Colombo.
06	Sessão de fotos: Praça Independência – Final do Campeonato Paulista
07	
08	Orientação semanal
09	Pesquisa Teórica, elaboração de capítulos do relatório
10	Idem
11	Sessão de fotos: Praça Rui Barbosa
12	Pesquisa para elaboração do relatório
13	
14	Sessão de fotos: Praça Rui Barbosa e Monumento do Peixe; Orientação semanal
15	Sessão de fotos: Praça Mauá, Rui Barbosa e Monumento do Peixe
16	Leitura de livros
17	Sessão de fotos: Praça Gafrée e Guinle e Brás Cubas
18	
19	Pesquisa teórica para a elaboração do relatório
20	Sessão de fotos: Praça Mauá
21	Elaboração de texto para o relatório
22	Orientação semanal
23	Agendamento de entrevista com arquitetos da Faus para 05/06
24	
25	Sessão de fotos: Praça dos Andradas e Monumento do Peixe
26	Sessão de fotos/SV: da Praça Padre Manoel da Nóbrega ao Monumento da Feiticeira
27	Sessão de fotos/SV: da Praça do Maçom ao Parque Ipujiara
28	Sessão de fotos: Praça José Bonifácio; Orientação semanal
29	Ida à Faculdade de Arquitetura – livros Além dos Mapas, Obras de Arte em Logradouros Públicos de SP e Lições de Arquitetura
30	Leitura de livros para a elaboração do relatório
31	

Junho / 2007

01	Leitura e pesquisa para a elaboração de relatório
02	
03	Revisão e término do relatório do 1º semestre
04	
05	Orientação semanal; Entrega do relatório do 1º semestre
06	Sessão de fotos: Praça Rui Barbosa
07	
08	
09	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	Sessão de fotos: Cristo Redentor, Monumento Rotary e Lions
28	
29	
30	Sessão de fotos: Vicente de Carvalho e Relógio de Sol

Julho / 2007

01	
02	Sessão de fotos: andarilho dormindo na Conselheiro Nébias
03	
04	
05	Sessão de fotos: Marco Zero, Monumento a Joaquim Xavier da Silveira, Júlio Conceição e Praça Martinho Lutero
06	Sessão de fotos: Revezamento da Tocha Pan 2007
07	
08	
09	
10	
11	
12	

13	
14	
15	
16	
17	Sessão de fotos: Praça Melvin Jones
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Agosto / 2007

01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	Orientação semanal: balanço do que foi feito durante as férias e indicação das próximas tarefas (entrevistas com fotógrafos, arquitetos e historiadores, seleção das fotos e formatação do trabalho)
08	Sessão de fotos: Praça da Bíblia e Gasgon
09	
10	
11	
12	Nova leitura do livro “Além dos Mapas”
13	
14	
15	Nova leitura do livro “Fotografia e História”
16	Sessão de fotos: Porto de Santos
17	Orientação semanal: discutimos como será a formatação do trabalho final. Sugeri CD-Rom. Conversamos sobre os prós e contras da preocupação com a “embalagem” e não com o “conteúdo” do TCC
18	Leitura do Livro
19	
20	
21	

22	Entrevista: Ney Caldato, arquiteto e diretor da Secretaria de Planejamento de Santos (Seplan)
23	
24	
25	Orientação semanal. Sessão de fotos: Morros, Divisa dos Tambores e Av. N. Sra. Fátima
26	Início da revisão do relatório final
27	Continuação da revisão do relatório final
28	Entrevista: Alberto Marques, fotógrafo de A Tribuna. Reunião do TCC: apresentação de fotos e orientações quanto à apresentação
29	Início da seleção de fotos para o trabalho final
30	Continuação da revisão do relatório final
31	Fotos – Centro / Monumento Canais

Setembro / 2007

01	Fotos: Cruz de Pedra / Recanto Seiki
02	
03	Fotos: Centro (Brás Cubas / Coluna de Metal)
04	Reunião do TCC: apresentação de fotos
05	
06	
07	Fotos: Portal da Lusofonia, Canal 4 e Orla da Praia
08	Fotos: Saboó, Cônego Lúcio, O Pneu Furou
09	Pesquisa teórica – monumentos de São Vicente
10	
11	Reunião do TCC: análise das fotos e esclarecimento de dúvidas
12	Seleção de fotos
13	Seleção de fotos
14	Seleção de fotos
15	
16	Seleção de fotos
17	
18	Reunião do TCC: Elaboração e planejamento da apresentação. Escolha do modelo de apresentação (slides)
19	
20	Seleção de fotos
21	
22	Sessão de fotos: Biquinha, Praça Ipupiara, Praça 21 Irmãos
23	
24	Seleção de fotos
25	
26	Sessão de fotos: Orquidário e Praça 21 Irmãos
27	
28	
29	Reunião com coordenadora de TCCs na faculdade: esclarecimentos e questionamentos sobre o calendário de apresentações e entrega de relatórios

30	
----	--

Outubro / 2007

01	Fotos: Cruz de Pedra / Recanto Seiki
02	
03	Fotos: Centro (Brás Cubas / Coluna de Metal)
04	Reunião do TCC: apresentação de fotos
05	
06	
07	Fotos: Portal da Lusofonia, Canal 4 e Orla da Praia
08	Fotos: Saboó, Cônego Lúcio, O Pneu Furou
09	Pesquisa teórica – monumentos de São Vicente
10	
11	Reunião do TCC: análise das fotos e esclarecimento de dúvidas
12	Seleção de fotos
13	Seleção de fotos
14	Seleção de fotos
15	
16	Seleção de fotos
17	
18	Reunião do TCC: Elaboração e planejamento da apresentação. Escolha do modelo de apresentação (slides)
19	
20	Seleção de fotos
21	
22	Sessão de fotos: Biquinha, Praça Ipupiara, Praça 21 Irmãos
23	
24	Seleção de fotos
25	
26	Sessão de fotos: Orquidário e Praça 21 Irmãos
27	
28	
29	Reunião com coordenadora de TCCs na faculdade: esclarecimentos e questionamentos sobre o calendário de apresentações e entrega de relatórios
30	Checagem de informações com Codesavi e PMSV.
31	Entrevista Chefe da Sessão de Patrimônio Público da Secretaria de Cultua de Santos, Maria Inah, para confirmar as atualizações na lista dos monumentos.

Novembro/2007

01	Escolha das Fotos e continuação da parte escrita.
02	Idem
03	Fim da seleção das fotos.
04	Tratamento das fotos.
05	Definição da ordem das no CD à banca.
06	Montagem do Power Point

07	Ajuste dos textos e da Capa do Trabalho
08	Definição das artes impressas no Trabalho
09	Conclusão do Relatório Escrito.
10	Revisão final do relatório
11	
12	Preparação das cópias do CD e do Trabalho Escrito.
13	
14	Entrega do TCC

ANEXO 3 - GLOSSÁRIO DE TERMOS ARQUITETÔNICOS

ALEGORIA

Composição figurativa, pintada ou esculpida, representando personagens identificáveis pelos seus atributos e que procuram traduzir conceitos ou idéias abstraias.

ALTO-RELEVO

Figura, ornato ou qualquer tema esculpado do qual comumente mais de dois terços da profundidade sobressaem em relevo ou saliência em relação à superfície.

ALVENARIA

Obra de construção efetuada através do assentamento de pedras, tijolos, blocos ou outro material, com ou sem argamassa de ligação, em fiadas horizontais ou em camadas similares, que se repetem sobrepondo-se umas sobre as outras.

ATLANTE

Figura ou estátua de homem usada como coluna ou pilastra de sustentação do entablamento.

BAIXO-RELEVO

1. *Figura*, ornato ou qualquer tema esculpado situado em plano inferior à superfície;
2. *Figura*, ornato ou qualquer tema esculpado apresentando saliência pouco acentuada (menos da metade do seu volume) em relação à superfície.

BAIXO-RELEVO COILANÓGLIFO *Baixo-relevo* feito por meio de sulcos profundos, onde a gradação dos planos é respeitada.

BAIXO-RELEVO INCISO *Baixo-relevo* (2) em que, à maneira de medalha, as incisões são desenhos gravados em superfície.

BASE

Peça situada na parte inferior de *pedestal* ou de escultura ou marco, com função de sustentáculo ou apoio.

BICA

Extremidade livre de cano ou tubo por onde corre água.

BIFRONTE

Estátua ou *busto* com duas faces opostas unidas pela parte posterior, apresentando as mesmas proporções e as mesmas decorações.

BRASÃO

Escudo de armas de nação, cidade, soberano, família, corporação ou entidade.

BUSTO

Representação pictórica ou escultural da cabeça humana, integrada ao pescoço e do peito.

CABEÇA

Representação pictórica ou escultural da cabeça humana que não vai além do tratamento do pescoço.

CARIÁTIDE

Estátua feminina usada como coluna ou pilastra de sustentação do entablamento.

CARRANCA (ou Mascarão) Representação de cabeça animal ou humana, geralmente disforme, de pedra, madeira ou metal, aposta a bicas com efeito de ornamentação.

CHAFARIZ

Construção de *alvenaria* que apresenta *bica* e em que coexistem finalidades utilitárias e artísticas. *Fonte*.

COLUMBÁRIO

Construção composta de nichos destinados a abrigar ossadas ou urnas cinerárias.

CRUZ GREGA

Cruz formada por quatro braços iguais.

ESCULTURA

1. Arte e técnica de moldar a matéria de modo a constituir uma estrutura em relevo ou em três dimensões integrada no espaço com finalidade estética;
2. Obra que resulta desta arte e técnica.

ESPELHO D'ÁGUA

Lago artificial raso, utilizado em projeto arquitetônico ou paisagístico para refletir seus elementos.

ESTÁTUA

Escultura de uma *figura* em três dimensões.

ESTÁTUA CURUL

Estátua que representa *figura* humana em carro.

ESTÁTUA EQUESTRE

Estátua que representa *figura* humana a cavalo.

ESTÁTUA JACENTE

Estátua que representa *figura* humana deitada.

ESTÁTUA PEDESTRE

Estátua que representa *figura humana de pé*.

ESTÁTUA SAGRADA

Estátua que representa *figura* sentada.

FIGURA

Representação plástica de ser humano, animal, divino ou imaginário.

FONTE

Construção que encerra sistema hidráulico objetivando o provimento de água potável ou o embelezamento de logradouros. *Chafariz*.

FONTE DECORATIVA

Fonte guarnecida de *esculturas*, com ou sem ornamentos.

FONTE LUMINOSA

Fonte dotada de aparelhos especiais que produzem esguichos verticais e inclinados, iluminados por vários focos de luz branca ou de diversas cores.

GRUPO ESCULTÓRICO

1. Composição que, constituída por duas ou mais *estátuas* com elementos acessórios, é considerada, em seu conjunto, como uma única peça;
2. *Monumento* no qual *altos e baixos-relevos* apostos ao *pedestal* completam o efeito artístico, aludem à vida o aos feitos do homenageado ou contribuem para melhor compreensão do tema em questão.

HERMA

Busto em que peito, costas e ombros são cortados por planos verticais, geralmente num ângulo de 45 graus.

IMAGEM

Representação através de desenho, pintura ou escultura.

MARCO

Estrutura geralmente em forma de cubo, prisma reto ou pirâmide, contendo inscrição e tendo função comemorativa ou de referenciação espacial.

MARCO FONTANÁRIO *Marco* que recebe em seu interior água encanada e a deita por uma torneira para uso dos transeuntes.

MÁSCARA

Representação em *alto-relevo* do rosto.

MAUSOLÉU

Sepulcro suntuoso ou monumental.

MEDALHÃO

Representação esculpida da cabeça de uma *figura* humana, em *alto ou baixo-relevo*, sobre suporte de forma retangular, circular ou elíptica. O medalhão é geralmente aplicado em paredes, *marcos e pedestais de bustos ou estátuas*.

MÓDULOS

Unidade planejada segundo determinadas proporções de modo a reunir-se ou ajustar-se a outras unidades análogas.

MONUMENTO

Obra escultórica ou construção arquitetônica que se destina a transmitir à posteridade a memória de acontecimento ou pessoa notável.

MURAL

Decoração em parede, de caráter pictórico ou escultórico, geralmente subordinada às superfícies arquitetônicas que embeleza.

NU ARTÍSTICO

Figura humana desprovida de vestuário.

OBELISCO

Monumento de pedra, freqüentemente um monólito com corpo quadrangular, agulheado e alto.

PAINEL

Obra artística ou decorativa de grandes dimensões enquadrada em um suporte, que pode estar afixado no chão ou junto a uma parede ou parte dela.

PLACA

Chapa ou lâmina de material resistente, instalada na face frontal ou nas quatro faces de uma obra escultórica ou marco, com função de identificação ou complementação artística.

PEANHA

Pedestal de pequenas dimensões.

PEDESTAL

Peça de pedra, metal ou madeira que sustenta uma *escultura*, *coluna*, *monumento* ou *marco*.

PLENO-RELEVO

Figura, ornato ou qualquer tema esculturado que se apresenta inteiramente destacado no espaço, permitindo sua visualização de qualquer ângulo de observação.

TANQUE

1. Reservatório de alvenaria, com pouca profundidade, para conter água potável ou de irrigação, nos jardins e plantações;
2. Piscina de pequenas dimensões.

TORSO

Figura humana truncada, sem cabeça e sem membros.

Obs.:

Esse glossário foi elaborado com base nas definições contidas em: CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. *Dicionário de Arquitetura Brasileira*. São Paulo: EDART, 1972; FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa* 2^a ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986; TACLA, Zake. *O livro da arte de construir*. São Paulo: Unipress, 1984; TEIXEIRA, Luís Manuel. *Dicionário Ilustrado de Belas-*. Lisboa: Presença, 1985.

HISTÓRIA. Para professor da UniSantos, obras de arte são referencial para turistas interessados em conhecer o passado da Cidade

Jardim da praia abriga 30 monumentos



A estátua do santista Vicente de Carvalho fica na Praia do Boqueirão e homenageia o Poeta do Mar



Padre Anchieta fica na Ponta da Praia, em local privilegiado, com uma das vistas mais bonitas da orla

DA REDAÇÃO

Sábado de manhã nublado, mas sem chuva, com os termômetros marcando em torno dos 15 graus. Rota de passeio escolhida: a orla.

Ao percorrer o jardim da praia, reconheço mundial-

dante geral Maria Rosa dos Santos, que por trabalhar no Posto 6, sempre passa pelo trecho entre a Aparecida e a Ponta da Praia.

Morando atualmente em São Vicente, durante 30 anos ele residiu em Santos. Po-

imigração Japonesa, em frente à Avenida Conselheiro Nébias, a quantidade de pedestres e ciclistas era grande. Entre os caminhantes estava o casal de aposentados paulistanos Terezinha de Jesus Leoni e Joaquim Pinto Guedes.

Também paulistana, mas radicada no Município (na Avenida Barão de Penedo) há cinco anos, a dona-de-casa Isaura Ferres dos Santos faz questão de observar as obras de arte. Sentada em um banco do jardim em frente da estátua de Sa-

ramento da América (Cristóvão Colombo)".

Sentada ao lado da escada que dá acesso à estátua de Vicente de Carvalho, o *Poeta do Mar* (mas de costa para ele), a brasiliense Jéssica Oliveira tira fotos do monumento, sem

acontece a mesma coisa. O munícipes passam pelas praças e não sabem quais são o nomes. O desinteresse é um questão cultural".

Em contrapartida, ele declara que as pessoas que são de fora de Santos está

JARDIM da praia abriga 30 monumentos. A Tribuna, Santos, 22 jul. 2007. Caderno Local, p.A-8.

ANEXO 4 - Reportagem do Jornal A Tribuna abordando os monumentos escultóricos da orla da praia santista e o desconhecimento da população sobre seus significados.

02/05/2007

Prefeitura entrega Praça 1º de Maio

O sol forte que predominou durante toda a terça-feira, quando se comemorou o Dia do Trabalho, marcou a solenidade de entrega da Praça 1º de Maio, na Ponta da Praia. Totalmente reurbanizada pela Prefeitura de Santos, atendendo às solicitações dos moradores do bairro, o novo espaço público apresenta muito mais conforto e segurança.

“A Prefeitura está desenvolvendo obras simples em toda a Cidade, porém, obras que atendem aos interesses dos moradores do bairro. Ao elaborarmos o projeto de reurbanização da 1º de Maio ouvimos os moradores da região e realizamos as modificações de acordo com as sugestões apresentadas”, afirmou o prefeito João Paulo Tavares Papa.

MELHORIAS

Entre os melhoramentos, a Praça 1º de Maio recebeu uma escultura — de autoria do arquiteto Glaucus Farenello, da Seosp — representando os setores do campo, indústria e comércio e em forma de “V”, símbolo da vitória obtida pelos trabalhadores. A praça conta também com nova iluminação, bancos de madeira com os suportes em concreto idênticos aos das muretas da orla da praia.

A praça, que tem cerca 900 m², também ganhou novo calçamento no entorno, rampas de acessibilidade e, na parte central, foi construída alameda para passagem de pedestres. Parte do piso é em mosaico português. A antiga arquibancada agora integra a área paisagística com floreira e plantas variadas, conforme projeto desenvolvido pelo Departamento de Parques e Áreas Verdes (Depav), da Secretaria de Meio Ambiente (Semam).

A Coordenadoria de Eletromecânica e Telecomunicações (Coetel) instalou três postes com luminárias de três pétalas e lâmpadas com potência de 150 watts, de vapor de sódio. O custo total da intervenção foi de R\$ 25 mil, com recursos próprios da Prefeitura, sob gerenciamento do Departamento de Vias Públicas (Devip), órgão da Secretaria de Obras e Serviços Públicos (Seosp).

ANEXO 5 - Matéria publicada na página eletrônica da Prefeitura de Santos em 02/05/2007 relatando a inauguração da Praça Primeiro de Maio.

Esculturas interativas são inauguradas nesta quarta-feira (23/8) em São Vicente

Familiares e conhecidos dos homenageados Walter da Banca e Toninho Campos, grandes comerciantes locais, emocionaram-se com inauguração de estátuas

Grandes amigos, batalhadores, respeitados e queridos por toda a Cidade. Por causa disso e um pouco mais, as imagens de Walter da Banca e de Toninho Campos, que faleceram em 2002, foram imortalizadas em estátuas de fibra de vidro laqueado em um dos locais de maior circulação de pessoas na Cidade: a Praça Barão do Rio Branco, lugar em que tiveram comércio por grande parte de suas vidas. A apresentação das esculturas, que aconteceu na manhã desta quarta-feira (23/08), causou muita emoção entre autoridades, familiares e o público que assistia à cerimônia.

Estiveram presentes o prefeito Tércio Garcia, o vice-prefeito, Paulo de Souza, a presidente do Fundo Social de Solidariedade, Márcia Papa Garcia, o presidente da Câmara Luciano Batista e o presidente da Codesavi, Márcio Perretti Papa.

Segundo o prefeito Tércio Garcia, a idéia é criar outras esculturas que valorizem os personagens de São Vicente. “Com estas estátuas, além de registrarmos o trabalho destas pessoas e a importância que elas tiveram para São Vicente, também homenageamos o trabalho dos vicentinos que lutam diariamente”.

“Seu pai ainda vai morar nesta praça”, dizia Neide Martins, mãe do Walter Manoel Martins Filho. “Passei a infância ouvindo minha mãe dizer isto e não é que ela estava certa?”, comenta Walter Manoel emocionado, momentos antes de a estátua de seu pai e a de Toninho Campos serem descerradas. Para ele, a iniciativa do prefeito Tércio Garcia é maravilhosa. “Além de marcar a história de São Vicente, a Prefeitura mostra que está preocupada em valorizar os vicentinos”.

Segundo a esposa de Walter, Neide Hidalgo Martins, que durante o evento também estava muito emocionada. “Meu marido já havia sido homenageado em outras ocasiões, quando ele recebeu o título de Cidadão Vicentino, o de Melhor Comerciante do Ano e de Melhor Jornaleiro, mas mesmo assim nós não esperávamos por isto. Estou muito feliz porque ele batalhou por São Vicente e foi reconhecido”.

Quem também ficou muito feliz com a iniciativa da Prefeitura foi o filho de Toninho Campos. Antonio Eduardo Campos, que durante o descerramento da escultura colocou um avental branco, idêntico ao que o seu pai usava na época em que trabalhava no restaurante. “Estou muito feliz e por isso não consigo nem falar. Ao ver esta estátua é como se o meu pai ainda estivesse vivo e isto é maravilhoso. Ter a oportunidade de colocar um avental nele, feito pela minha mãe, torna isto mais real ainda”.

O evento reuniu as três gerações de ambas as famílias e proporcionou o encontro de Neide Hidalgo Martins, esposa de Walter da Banca, e de Neyde Cabral Campos, viúva de Toninho

Campos. Emocionadas, ambas, que não se conheciam pessoalmente, finalmente, se abraçaram após 40 anos. “Tantos anos e nós só fomos nos conhecer hoje”, disse Neyde Cabral Campos. Ela explicou que estava feliz por ter encontrado a sua “xará” em uma data especial como esta. “Hoje, estou muito contente por dois motivos: me sinto honrada pela homenagem que fizeram aom meu marido e também porque finalmente conheci a Neide [Hidalgo Martins]”.

De acordo com criador das estátuas, Daniel Gonzalez, as esculturas interativas fazem sucesso no mundo inteiro. O artista, que levou cerca de três a quatro meses para criar as imagens de 1m70 cada, se baseou em material fotográfico e em depoimentos de familiares e amigos. “Homenagear o povo com esculturas é uma idéia rara no País. E poder participar disso, aqui, em São Vicente, é estimulante e encorajador”.

Para o ator Serafim Gonzalez, que veio acompanhar o seu filho, Daniel Gonzalez, ao evento, a idéia de homenagear a população de São Vicente é ótima. “Homenagear a população é uma idéia brilhante. Desta forma, a Cidade destaca as pessoas que marcam a História de São Vicente diariamente”.

WALTER DA BANCA - Corintiano roxo, festeiro, bem-humorado, muito exigente e trabalhador. Assim era o “condutor da notícia” Walter Martins, o Walter da Banca. Falecido em 2002, atuava como jornalista desde 1945 na Praça Barão do Rio Branco, em São Vicente. Tinha, então, 17 anos. Nasceu em Santos, em 15 de outubro de 1928. Mas tinha paixão por São Vicente. Morou na Cidade até morrer. Casou com Neide Hidalgo Martins e teve cinco filhos, todos vicentinos. São quatro mulheres e um homem, Walter Manoel Martins, que acompanhava o pai no trabalho desde os oito anos. Na data, 19 de abril de 2002, ele estava no hospital. Dia 25, faleceu.

Outra paixão de Walter da Banca era o trabalho. “A banca é a história de minha vida”, chegou a declarar. Foi homenageado pela Editora Abril como “o jornalista dos mais antigos da Cidade” e recebeu o Troféu Calunga, pelo destaque como comerciante. Ganhou a visita ilustre de Antônio Ermírio de Moraes, em passagem por São Vicente. Presença cativa e cativante do local, Walter da Banca passava tanto tempo no lugar que ouvia sempre a brincadeira da mulher: “Quando você morrer, vai ficar naquela praça”. Profecia concretizada, a homenagem das esculturas deixou a família agradecida e feliz.

TONINHO CAMPOS – Antônio de Campos, o Toninho Campos, alimentou por anos o corpo e a amizade de muitos vicentinos. Seu bar e restaurante, na Praça Barão, foi ponto de encontro de gerações, classes e categorias. Era a família vicentina sentada à mesa. Além de atender, gostava de cozinhar e sua marca registrada era o avental. Casado com Neyde, teve três filhos – Edna, Eloísa e Antônio Eduardo. Eles lembram que Toninho, sempre sorridente, era alguém disposto a ajudar as pessoas sem esperar nada em troca.

Toninho nasceu em São Paulo, a 22 de agosto de 1933. Chegou ao litoral aos 6 anos, trazido pelos pais portugueses, que abriram um pequeno bar no Itararé. Pouco depois, o estabelecimento foi transferido para a Praça Barão, onde permaneceu até um pouco depois de sua morte, em 5 de março de 2002. A família recorda que Toninho passou a ajudar a mãe no bar depois que o pai

faleceu. Quando ela também morreu, assumiu o controle do lugar. Ganhou medalha de honra ao mérito quando serviu o Exército por ter salvo um homem que se afogava na Praia do Gonzaguinha. No início da década de 1980, foi homenageado pela Câmara com o título de Cidadão Vicentino.

DANIEL GONZALEZ - O artista Daniel Leandro Gonzalez conta com cerca de 40 obras públicas, no Brasil e Exterior. Expôs sua primeira obra pública em 1977, em São Vicente, quando inicia seu trabalho como escultor. Trabalha com fibra de vidro, bronze, granitina, resina, pedra-sabão. É também ceramista. Já expôs com profissionais de renome como Carlos Kis, Marco Rossi, Tomie Othake, Darci Penteado, Cláudio Tozzi, entre outros. Em 2002, ingressa no seletor grupo de escultores que expõem na Galeria André (SP). Nascido em 1956 na cidade de Campinas, é radicado na Baixada. Formado em Filosofia pela UniSantos, foi professor da disciplina de 1987 a 1998. Aprendeu Anatomia na Universidade de La Plata, na Argentina, de 1974 a 1976. Entre suas obras estão Monumento a Pelé, no Santos Futebol Clube (1992); José Bonifácio (1994), em Havana, Cuba; Mulheres de Areia, na Praia dos Sonhos, em Itanhaém (1995), bem como para a TV Globo (1993), no Rio de Janeiro; A Fonte de Netuno, no Shopping Praiamar (2002), em Santos. Só em São Vicente ele assina nove obras: O Menino (1977), Ilha Porchat; Leão (1981), Ilha Porchat; São Judas Tadeu (1989), Ilha Porchat Clube; Martim Afonso de Sousa (1990), Ilha Porchat Clube; Duque de Caxias (1990), 2º BC; Tom Jobim (1995), Praça Tom Jobim; Dragões (1998), Praça Kotoko Iha; Ipupiara (1999), Praça Ipupiara; Monumento Benedicto Calixto (2003), Praça Ipupiara.

ANEXO 6 - Notícia publicada na página eletrônica da Prefeitura de São Vicente em 23/08/2006 sobre a inauguração das estátuas de Walter Martins e Toninho Campos.

